

Isolado, Trump não arrastou ninguém para a sua guerra



Assessor de Trump só virá ao Brasil quando sair o visto de Padilha, diz Lula

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil revogou a concessão de visto de Darren Beattie, assessor fascista de Donald Trump, que pretendia visitar Jair Bolsonaro na cadeia. Mais cedo, o presidente Lula afirmou que Beattie só entrará no país quando o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, puder viajar aos Estados Unidos. **Página 3**

Trabalhadores aprovam acordo e Avibrás estará de volta em abril

Os trabalhadores da Avibrás aprovaram, em assembleia na quarta-feira (11), a proposta de acordo para o pagamento dos salários atrasados dos trabalhadores da empresa, colocando fim a uma das maiores greves pela garantia de salários e direitos. Após três anos de fábrica paralisada, o acordo, também fruto da resistência ao fechamento da empresa, marca a retomada da principal indústria bélica do país, com início previsto para abril. **Página 5**

Dino acaba com aposentadoria forçada como ‘punição’ a juiz

O ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal (STF), decidiu na segunda-feira (16) acabar a aposentadoria compulsória como forma de “punição” a magistrados. Segundo ele, infrações graves devem ser punidas com a perda do cargo, segundo interpretação da Emenda Constitucional 103, que fez a Reforma da Previdência. A determinação se deu na Ação Originária 2870, de 2024. **Pág. 3**

HORA DO POVO

ANO XXXVI - Nº 4.040 18 a 24 de Março de 2026

★

★

★

★

★

1

REAL BRASIL

Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Europa, China, Japão, Coreia etc dizem NÃO à aventura em Ormuz

A rejeição de países do mundo inteiro à convocação de Trump para que se envolvessem na guerra que move ao Irã, deixou o presidente do império em um isolamento sem igual. Não só uma “recusa quase universal” entre os europeus, segundo o France 24, mas ainda um repúdio do Japão, Austrália, China, Coreia do Sul. Como se não bastasse, o diretor do denominado Centro Nacional de Contraterrorismo dos EUA, Joe Kent, renunciou ao seu cargo e condenou a agressão comandada por Trump contra o Irã. Para Kent, “o Irã não representa uma ameaça iminente para a nossa nação”. **Páginas 6 e 7**

Com juro alto, Copom amplifica em vez de reduzir prejuízo do óleo caro



Dezenas de milhares de iranianos foram prestar uma última homenagem ao secretário do Conselho de Segurança Nacional, Ali Larijani, assassinado por bombardeio terrorista dos EUA e Israel, e outras vítimas

Milhares desafiam bombas no Irã para se despedir de Larijani

Na quarta-feira, uma multidão se despediu em Teerã de Larijani, seu filho, um assessor e seguranças, mortos no atentado terrorista americano-israelense. A agressão ilegal e não provocada contra o Irã teve início no dia 28 de fevereiro, em um ataque traiçoeiro que assassinou o líder supremo da revolução iraniana, Ali Khamenei, em meio a negociações com os EUA em Genebra. Exercendo o direito de defesa garantido pelo artigo 51 da Carta da ONU, o Irã vem desde então reagindo contra os agressores e contra Israel e as bases dos EUA de onde partem os ataques. O Estreito de Ormuz, hidrovía pela qual passam 20% do petróleo e gás comercializados no mundo, está fechado em decorrência da agressão ao Irã, acarretando alta dos preços do petróleo, que já ultrapassa os três dígitos. **Página 7**

A decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, na quarta-feira (18), de reduzir a taxa Selic em 0,25 ponto, de 15% para 14,75%, “é incapaz de reverter prejuízos à economia”, afirma a Confederação Nacional da Indústria (CNI). “A medida ainda não interrompe a queda da atividade econômica, não destrava investimentos, nem reduz o endividamento – sintomas da política monetária excessivamente restritiva”. Com o juro alto, o custo financeiro das empresas e do conjunto da sociedade amplifica uma eventual alta do diesel. **Pág. 2**

Exército reforça a defesa com novos tanques e mísseis nacionais

O presidente Lula afirmou recentemente que “se a gente não se preparar em questão de defesa, qualquer dia alguém invade a gente”. Segundo a Folha, o Exército investiu R\$ 1,27 bilhão durante o governo Lula, na compra de mísseis e tanques blindados com capacidade anfíbia e canhões de maior alcance, com o propósito de que “as forças terrestres estejam preparadas para enfrentar ameaças”. **Pág. 3**

“Queda dos juros deve ser imediata e significativa”, diz Nilson Araújo

A Faria Lima usa a agressão ao Irã como pretexto para manter juros proibitivos. Selic não interfere nos preços do petróleo, afirma o economista Nilson Araújo de Souza. Nos últimos dias, tem se intensificado a campanha dos bancos e rentistas contra a redução da Selic, taxa básica de juros, que estava até quarta-feira em 15% nominal desde junho do ano passado, em termos reais, mais de 10%. **P. 2**

Recuperar a natureza pública da Petrobrás

“O Brasil precisa e pode romper com esse automatismo de reajuste de preços dos derivados por conta das especulações nos preços futuros do barril de petróleo no mercado global”
PAULO KLIASS*

(...) “*Lá, ela é um tsunami; aqui, se ela chegar, vai chegar uma marolinha*” (...) [GN] – Presidente Lula, em outubro de 2008.

Em outubro de 2008, o Presidente Lula assim se referiu ao início da grande crise internacional, que havia começado nos mercados bancário e financeiro nos Estados Unidos e depois se espalharia para a Europa, afetando gravemente os principais países do globo. Naquele momento, é fato que o Brasil conseguiu se proteger razoavelmente bem dos efeitos negativos daquela grave recessão que atingiu boa parte das nações, por todos os continentes. Um dos principais fatores para tanto referia-se, com certeza, à própria natureza do nosso sistema bancário à época.

Não obstante o processo generalizado da globalização financeira, os principais bancos atuantes no Brasil ainda eram nacionais e públicos. Assim, a quebradeira generalizada observada no exterior não se fez sentir internamente de forma tão aguda. Fomos afetados, por óbvio, pela redução das atividades em escala global, com impacto sobre nosso comércio externo. Mas não ocorreram por aqui as perdas patrimoniais nos mercados mobiliários e imobiliários. O PIB dos Estados Unidos caiu 2,4% e o da zona do euro registrou recessão de 4%. Já a queda no Brasil foi mais discreta (-0,3%), acompanhando o índice do PIB mundial.

As lições do ocorrido há quase 2 décadas atrás deveriam ser incorporadas pelo governo como elementos de experiência para lidar com a crise atual provocada pelo ataque criminoso dos Estados Unidos e Israel contra o Irã. A agressão militar a um país estratégico no Golfo Pérsico – e que joga um papel fundamental para assegurar a produção e o fornecimento de petróleo para todo o mundo – está colocando em risco o equilíbrio da oferta, da demanda e da logística de transporte desse importante insumo energético no mundo contemporâneo.

BRASIL É AUTOSSUFICIENTE NA PRODUÇÃO DE PETRÓLEO

O ponto a reter nesse momento é a possibilidade que o Brasil tem de afirmar sua soberania energética, em especial no quesito do petróleo. Na verdade, desde 2006 o Brasil atingiu a autossuficiência petrolífera, a partir das descobertas das reservas do Pré-Sal. Isso significa que a produção e a exploração interna de petróleo ocorrem em níveis compatíveis com nossas necessidades internas. Assim, o País teria todas as condições de se comportar como um ator menos dependente das importações de produtos do complexo do petróleo.

No entanto, a realidade é que o comportamento das últimas diretorias da Petrobrás tem sido o de se orientar mais pelo atendimento às demandas dos acionistas privados e menos pela atuação da empresa como uma engrenagem fundamental para o processo de desenvolvimento econômico, social e ambiental. Boa parte das leis e regras definidas durante os governos Temer e Bolsonaro permanecem vigentes, em um período em que se buscava o aniquilamento da empresa e sua privatização. Um bom exemplo deste tipo de conduta que o próprio governo Lula em seu terceiro mandato imprime à Petrobrás refere-se à distribuição de dividendos. Apenas no triênio 2023/25 o total desse tipo de despesa atingiu a impressionante marca de R\$ 210 bilhões. Ou seja, valores que poderiam ser reinvestidos na ampliação da capacidade produtiva da estatal foram transferidos aos acionistas.

Continua: <https://horadopovo.com.br/recuperar-a-natureza-publica-da-petrobras-por-paulo-kliass/>

***Paulo Kliass** é doutor em economia e membro da carreira de Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental do governo federal.

Escreva para o HP
horadopovo@horadopovo.com.br

HP
HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua Mazzini, 177
Cambuci - CEP: 01528-000
São Paulo-SP
E-mail: horadopovomg@gmail.com
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: **Clóvis Monteiro Neto**
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000
Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hpri@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 -
E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa, 140 Curió-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br

BC frustra o país e reduz a taxa Selic em apenas 0,25 pp



Selic não interfere nos preços do petróleo, afirma o economista

“Queda dos juros tem que ser imediata e significativa”, defende Nilson Araújo

Faria Lima usa a agressão ao Irã como pretexto para manter juros proibitivos

Nos últimos dias, tem se intensificado a campanha dos bancos e rentistas contra a redução da Selic, taxa básica de juros, que está em 15% nominal desde junho do ano passado, e que, em termos reais, ou seja, descontada a inflação, supera os 10% ao ano. O juro real no Brasil está entre os mais elevados do planeta. Esta taxa de juros está estrangulando a economia brasileira e os investimentos produtivos. Eles estavam admitindo no máximo uma redução insignificante, de 0,25% ou de 0,50%, na próxima reunião do Conselho de Política Monetária (Copom), do Banco Central. Agora, os bancos estão aproveitando a guerra no Oriente Médio para pressionar pela manutenção da mamata atual.

PRETEXTO FALSO

Estão fazendo uma orquestração para manter ou alterar muito pouco as atuais taxas de juros absurdas, que vêm sendo praticadas pelo Banco Central. O pretexto apresentado pela Faria Lima é que a guerra de agressão dos EUA e Israel contra o Irã vai provocar inflação.

Segundo seus porta-vozes, o juro não poderia cair por causa da inflação que virá com a elevação dos preços do petróleo. O economista e professor Nilson Araújo de Souza, autor, dentre outros, do livro “Economia Brasileira Contemporânea – De Getúlio a Lula”, contesta esta afirmação dizendo que a taxa de juros não tem nenhuma interferência no preço internacional do petróleo. Para a própria ideologia neoliberal, o que provoca inflação é o excesso de demanda; a taxa de juros funcionaria como um regulador da demanda, a fim de equilibrá-la com a oferta. Mesmo essa tese, aparentemente lógica, está sendo contestada em todo o mundo, e até mesmo por economistas de extração neoliberal. Afirmam que uma taxa de juros persistentemente alta, como é a nossa, em lugar de combater a inflação, a acelera, porque os juros altos se transformam em custo para as empresas que o repassam para os preços. Sem falar no efeito deletério sobre a atividade produtiva. Muita gente comemorou o crescimento de 2,3% do PIB em 2025. Além de muito insignifican-

te, o crescimento do PIB foi caindo, a cada trimestre, ao longo do ano, ou seja, desacelerando. Esta pode virar recessão se os juros básicos permanecerem nas alturas.

Portanto, “a manutenção dos juros nos níveis atuais, ou próximo disso, só agravará os custos das empresas”, além de seguir “pressionando as despesas financeiras do governo, sem nenhum efeito na inflação”, argumenta o professor, lembrando que em 2025 o governo foi obrigado a gastar mais de R\$ 1 trilhão com juros da dívida pública.

CHOQUE DE OFERTA

Além disso, enfatiza o professor, “até as pedrinhas de areia da Praia do Olho d’Água sabem que o que está ocorrendo com o petróleo é um ‘choque de oferta’. Ou seja, é a redução da oferta mundial provocada pelo ataque do governo imperialista dos EUA contra o Irã. E problema de oferta, e logo em nível internacional, nem de longe se combate com juros elevados.

Leia mais: <https://horadopovo.com.br/queda-dos-juros-tem-que-ser-imediata-e-significativa-defende-nilson-araujo-de-souza/>

Usar pretexto da guerra para manter Selic proibitiva “é uma loucura”, diz Paulo Kliass

“Não há efeitos diretos dos juros sobre os preços dos combustíveis”, destaca o economista, rebatendo o lobby interessado da Faria Lima e de seus porta-vozes

As taxas de juros no Brasil estão estrangulando a economia. Elas estão em 15% nominais desde junho do ano passado, ou seja, uma taxa de juros reais – descontada a inflação – de 10%. Um nível de juros que restringe e até impede os investimentos produtivos.

Agora, o país inteiro, estava aguardando que este absurdo começasse se ser revertido. No entanto, os rentistas, detentores de títulos da dívida pública, e seus representantes na mídia, já começam a usar o pretexto da guerra de agressão dos EUA e Israel contra o Irã para defender a manutenção da Selic, uma redução ínfima ou até mesmo uma elevação, o que seria desastroso para o país.

Em entrevista ao HP, Paulo Kliass, doutor em economia e membro da carreira de Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental do governo federal, afirmou, nesta segunda-feira (16), que será “uma loucura” se o Copom tomar a decisão de manter as atuais taxas de juros”. “A decisão do Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) que vai se reunir agora essa semana pode, eventualmente, manter a taxa de juros em 15%, o que é uma loucura”, disse ele.

“Ela está em 15% desde junho do ano passado e, por seis reuniões, o Copom a mantém assim e o Brasil sendo o primeiro ou o segundo lugar do mundo em taxas reais de juros”, afirmou. Kliass, destacando que, se a inflação está em torno de 4 a 5%, “isso dá uma taxa de juro real de 10%”.

Há ainda o argumento de que as taxas de juros não têm efeito sobre os preços do pe-



Paulo Kliass: “O Brasil tem que aproveitar esse momento para reduzir a sua dependência”

tróleo. E também é necessário destacar que não há nenhum “excesso de demanda” que justificasse qualquer elevação nas taxas de juros. Neste caso, de aumento nos preços dos combustíveis, esse argumento falacioso fica ainda mais explícito. O que se escancara nesta orquestração pela manutenção – ou até elevação – da Selic é que qualquer coisa é pretexto para manter o Brasil como campeão mundial, ou vice, de juros altos.

“Não há efeitos diretos dos juros sobre os preços dos combustíveis. Os preços do petróleo e dos combustíveis são definidos pela capacidade que a Petrobrás teria, ou deveria ter, de realizar a produção interna”, argumentou Kliass, rebatendo a cruzada pelos juros altos.

Já há vários sinais de que o país está tendo uma desaceleração – que é até comemorada pelo BC em suas atas, que são

divulgadas após as decisões sobre política monetária. O professor Kliass afirma que a expectativa sobre as taxas de juros era outra com a gestão Galpólo. “Vamos lembrar que o Gabriel Galpólo, que tomou posse no início de 2025, gerou uma expectativa de fazer uma mudança em relação à condução da presidência do Banco Central”, prosseguiu.

O economista salientou que o presidente do Banco Central não alterou a herança bolsonarista. “Ele não apenas deu continuidade à política do antecessor como aprofundou. Aumentou a taxa de juros, que ele pegou em 13,25% e jogou para 15%. O fato é que havia uma expectativa, de uma sinalação de que a taxa de juros seria reduzida”, lembrou.

Leia mais: <https://horadopovo.com.br/usar-pretexto-da-guerra-para-manter-selic-proibitiva-e-uma-loucura-diz-kliass/>

Expectativa do país era de uma redução de no mínimo 0.50 pp. Especulação com petróleo interferiu na decisão. Indústria segue estrangulada, alerta CNI

O Conselho de Política Econômica (Copom) do Banco Central (BC) decidiu, em reunião realizada nesta quarta-feira (18), reduzir a taxa Selic em 0.25 ponto percentual. A expectativa do país era de no mínimo 0,5 ponto percentual de redução. A decisão de reduzir a taxa Selic para 14,75% nominais, apontando para um juro real – descontada a inflação – ainda acima dos 10%, mantém o Brasil como o país com o segundo maior juro real do mundo, segundo análise do Mo-neYou.

A justificativa do BC para que a queda fosse menor foram as “incertezas” no cenário internacional. A elevação dos preços do petróleo, causada pela agressão dos EUA e Israel ao Irã, foi usada como motivo para o corte menor. O BC parte do princípio errado de que a taxa de juros no Brasil tenha algum efeito sobre os preços internacionais dos combustíveis.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI), que já havia alertado que a taxa de 15%, que perdurou desde junho do ano passado, dificultava muito os investimentos produtivos no país, assim que saiu a decisão do Copom desta quarta-feira, mostrou sua insatisfação e afirmou que a taxa de 14,75% nominal “é incapaz de reverter os prejuízos à economia”.

Esta decisão frustra a expectativa de viabilizar maiores investimentos produtivos e não interferirá nos preços do petróleo. O único efeito serão as altas despesas financeiras das empresas, da popu-

lação e do governo. Um choque de oferta, como este, provocado pela agressão ao Irã, não responde à políticas monetárias restritivas como a que o BC insiste em manter.

Além do mais, o Brasil é um país que pode enfrentar essa situação muito mais facilmente. Ele é autossuficiente em produção de petróleo, e até exporta o produto, e tem uma alta capacidade interna de refino. Pode perfeitamente praticar preços internos desvinculados da especulação.

É certo que para isso a Petrobrás terá que funcionar, num momento grave como este, como uma empresa inteiramente pública, ou seja, uma empresa que atenda centralmente aos interesses do país. Ela pode não internalizar os preços especulativos, frutos da guerra. A definição dos preços internos da estatal pode ser feita pelos custos de produção da Petrobrás mais um lucro adequado. Isso garantiria a proteção aos consumidores e à economia do país.

Evidentemente, o fato de não praticar os preços especulativos internacionais, reduziria, um pouco, e por algum tempo, as margens da empresa. Consequentemente haveria uma pequena redução dos gordos dividendos que a estatal tem distribuído nos últimos anos. A Petrobrás é hoje a quarta maior distribuidora de dividendos do mundo. Certamente os acionistas da Petrobrás entenderão a gravidade do que está ocorrendo no mundo e não se recusariam a reduzir um pouco os seus ganhos para ajudar o país.

Selic alta barra investimentos para quem produz, afirma CNI

Pesquisa divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), nesta terça-feira (17), aponta que “os juros altos são barreira” para os empresários industriais que pretendem investir em 2026. De acordo com o levantamento, 56% planejam investir esse ano em 2026. Por outro lado, quase um quarto dos industriais (23%) não pretendem investir este ano, sendo que 38% desses empresários adiaram ou cancelaram aportes que estavam em andamento.

“O percentual de empresas que não pretende investir é elevado e reflete o cenário adverso que a indústria herdou do ano passado, principalmente por conta dos juros altos. É um resultado que preocupa, uma vez que os investimentos são a base de um crescimento sustentável e a fonte do tão necessário aumento da produtividade da economia brasileira”, afirma Marcelo Azevedo, gerente de Análise Econômica da CNI.

A pesquisa da CNI saiu na véspera da divulgação do novo patamar da taxa básica da economia (Selic), hoje em 15% ao ano, pelo Banco Central. Os juros reais (descontada a inflação, estão acima de 10%, entre os maiores do planeta, inibindo os investimentos produtivos e o consumo das famílias.

“O Banco Central deveria ter iniciado o ciclo de redução dos juros há muito tempo. Ao manter a Selic ao nível insustentável, o Copom prejudica a economia, aprofundando a desaceleração do crescimento. É indispensável que a flexibilização da política monetária comece já na próxima reunião”, defendeu Ricardo Alban, presidente da CNI, no final de janeiro,

quando o Comitê de Política Monetária manteve a Selic em 15%.

Sobre as fontes de financiamento, o capital próprio segue como a principal fonte de financiamento do setor. Do total 62% das empresas planejam recorrer apenas ou majoritariamente a recursos próprios. Outros 28% pretendem captar recursos de terceiros, como bancos e demais instituições financeiras. Outros 11% não souberam informar.

“O capital próprio é a principal fonte de financiamento dos investimentos da indústria há alguns anos e ganhou importância em meio às dificuldades das empresas para obterem crédito junto ao sistema financeiro, seja pelo alto custo desses recursos, seja por outros entraves, como a exigência de garantias”, segundo Azevedo.

Os investimentos planejados têm como foco atende a demanda nacional, sendo exclusivamente o mercado interno (30%) ou principalmente o mercado interno (37%). Já 24% apontaram que o foco dos investimentos é, igualmente, os mercados interno e externo. Apenas 4% das empresas apontam o mercado externo como principal ou único foco dos investimentos.

Há mais indicações de investimentos para dar segmento a projetos em andamento (62%), enquanto para abrir novas frentes o percentual dos entrevistados é (32%).

Os principais objetivos dos aportes são: Melhoria do processo produtivo (48%); Ampliação da capacidade produtiva (34%); Lançamento de novos produtos (8%) e Adoção de novos processos produtivos (5%).



Ministro do Supremo Tribunal Federal Dino acaba com aposentadoria compulsória como “punição” a juízes que cometem crimes

O ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal (STF), decidiu na segunda-feira (16) acabar a aposentadoria compulsória como forma de “punição” a magistrados. Segundo ele, infrações graves devem ser punidas com a perda do cargo, segundo interpretação da Emenda Constitucional 103, que fez a Reforma da Previdência.

A determinação se deu na Ação Originária 2870, ajuizada em 2024 por um juiz afastado do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ). Ele havia pedido para anular decisões do CNJ que resultaram em sua aposentadoria compulsória — em que o magistrado deixa exercer sua função, mas mantém sua remuneração.

“Não existe mais aposentadoria compulsória como ‘punição’ a magistrados, em face da Emenda Constitucional 103 (Reforma da Previdência). Infrações graves de magistrados devem ser punidas com a perda do cargo”, propôs o ministro como tese de julgamento.

A decisão do ministro, cabe destacar, não é liminar, mas sim uma decisão de mérito. Em caso de recurso do autor da ação, caberá ao colegiado da 1ª Turma do STF, do qual Dino faz parte, a decisão final sobre a ação.

Segundo os autos, uma inspeção da corregedoria do TJRJ identificou irregularidades na conduta do autor da ação, então juiz da Comarca de Mangaratiba. Entre as irregularidades cometidas pelo juiz estavam decisões favoráveis a policiais milicianos, morosidade deliberada em processos para favorecer grupos políticos da cidade e liberação de bens bloqueados sem a manifestação do Ministério Público.

Na avaliação de Dino, pelas regras da Reforma da Previdência de 2019, não há previsão de aposentadoria compulsória como sanção quando do cometimento de infração disciplinar grave. Como as regras são de 2019, portanto, posteriores à Emenda 45/2004 que criou a aposentadoria compulsória, deve prevalecer o texto da reforma de 2019.

Para ele, houve vontade legislativa, a partir da Reforma da Previdência, de retirar do ordenamento jurídico brasileiro o fundamento da “aposentadoria compulsória” ou da “aposentadoria com subsídios ou proventos proporcionais ao tempo de serviço” como sanção administrativa.

Dino determina que o Presidente do Conselho Nacional de Justiça, ministro Edson Fachin, seja comunicado para, se considerar cabível, rever o sistema de responsabilidade disciplinar no âmbito do Poder Judiciário.

Master patrocinou evento da Rede Globo em Nova Iorque que custou R\$ 10 milhões

Apesar de todas as evidências de que a carreira meteórica do banqueiro ladrão, Daniel Vercaro, só foi possível graças às suas ligações com o bolsonarismo, há uma onda midiática que tenta transformar seus crimes e o rombo bilionário que ele deu no país, num escândalo do Supremo Tribunal Federal (STF).

Uma dessas mídias, a Globo, é uma das mais empenhadas neste sentido. Para ela, o grande responsável pelos crimes cometidos pelo Banco Master seria o ministro Alexandre de Moraes. Evidentemente, o bolsonarismo, que antes se referia ao órgão como “Globolixo”, está eufórico com a mudança de rumos.

Mas, o jornalismo investigativo descobriu um dos motivos que está levando a Globo, a se comportar como um verdadeiro tribunal da inquisição ao mesmo tempo que acoberta as ligações de Vercaro com o governo Bolsonaro. Um dos motivos é porque ela própria foi patrocinada pelo banqueiro ladrão.

Reportagem do jornalista Rodrigo Viana, publicado no site ICL, revela que o Banco Master foi o principal patrocinador de um evento da Globo em Nova Iorque em maio

de 2024. Há avaliações de que este evento não ficou por menos de R\$ 10 milhões.

Compareceram ao evento, além dos diretores e jornalistas da Globo, empresários, governadores e políticos variados — entre eles, Cláudio Castro (PL-RJ) e Ronaldo Caiado (PSD-GO). O logotipo do Master aparecia em destaque no banner, ao fundo do palco onde os debates ocorriam, no luxuoso Hotel Plaza de Nova Iorque.

Num vídeo do evento, revelado pelo site Correio da Manhã, o diretor da Globo, Frederic Kachar, aparece mostrando grande intimidade com Vercaro ao discursar.

“A gente tem alegria de ter patrocinadores de empresas que a gente admira e que eu tenho privilégio de ser amigo. Muito obrigado ao Banco Master [sorri e aponta para a plateia, onde estava o então banqueiro] na figura de seu presidente Daniel Vercaro, que apresenta o seminário de hoje”.

Em seguida, prossegue Rodrigo Viana, “o preposto da família Marinho agradece também a Ricardo Magro, da Gulf Combustíveis, outra patrocinadora do evento novaiorquino”.

Lula: ‘assessor de Trump só entra no Brasil se visto de Padilha for liberado’



Proibi a vinda daquele americano aqui para visitar Bolsonaro, disse o presidente Exército Brasileiro reforça defesa com compra de mísseis e tanques nacionais

Diante das ameaças cada vez maiores vindas de uma atuação neocolonial do regime Trump, tanto o governo do presidente Lula como as Forças Armadas do Brasil estão investindo com ênfase no fortalecimento da defesa nacional.

Segundo reportagem da Folha de S. Paulo, o Exército Brasileiro investiu R\$ 1,27 bilhão durante o governo Lula (PT), na compra de mísseis e tanques blindados com capacidade anfíbia e canhões de maior alcance, com o propósito de que “as forças terrestres estejam preparadas para enfrentar ameaças contemporâneas e futuras”.

O Exército citou ainda como fatos que determinaram as suas decisões sobre armamento a guerra territorial entre Rússia e Ucrânia, que já dura mais de quatro anos, e os conflitos na Palestina, alvo de agressões do regime fascista de Israel.

Depois do episódio do sequestro do presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, o presidente Lula manifestou preocupação sobre o que ocorra no país vizinho e pediu aos militares uma leitura de cenários sobre as vulnerabilidades do Brasil

diante de um ataque do tipo, como a Folha mostrou em reportagem publicada em fevereiro.

Na segunda-feira (9), durante visita do presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa, a Brasília, Lula exteriorizou a preocupação com uma invasão aos moldes da que ocorreu na Venezuela.

“Aqui, na América do Sul, nós nos colocamos como uma região de paz, aqui ninguém tem bomba nuclear”, disse o brasileiro. “Não sei se o companheiro Ramaphosa percebe que se a gente não se preparar em questão de defesa, qualquer dia alguém invade a gente.”

Na quinta (12), o governo Lula se manifestou de forma contrária a uma visita de um conselheiro de Trump ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) na prisão. Segundo manifestação de Mauro Vieira, ministro das Relações Exteriores, ao STF (Supremo Tribunal Federal), a visita de Darren Beattie a Bolsonaro significaria “ingerência nos assuntos internos do Estado brasileiro”.

As compras dos equipamentos militares, além de serem feitas também em países como EUA e Israel, usaram a fabricação nacional como prioridade, entre

eles os 120 mísseis 1.2 AC Max, resultado de um contrato para fabricação por uma empresa em São José dos Campos (SP).

O objetivo, no caso dos mísseis, é “aprimorar a capacidade de dissuasão do Exército brasileiro”. “A obtenção de um armamento coletivo anticarro é crucial para fortalecer a linha de defesa em operações de combate terrestre”, disse a Força.

No caso dos tanques blindados, houve a aquisição de 163 carros entre 2023 e 2026, sendo a grande maioria do modelo VBTP (viatura blindada de transporte pessoal) MSR 6×6 Guarani. Os gastos somaram R\$ 1,12 bilhão, conforme os dados do Exército. O fornecimento dos mísseis 1.2 AC Max é feito pela empresa SIATT Engenharia, Indústria e Comércio, sediada em São José dos Campos. Há contratos assinados com o Exército entre 2019 e 2025.

Já a fabricação dos blindados Guarani, na configuração nova definida pelo Exército, está a cargo da IDV Brasil, que fica em Sete Lagoas (MG). Um único contrato tem valor de R\$ 7,5 bilhões, referente à aquisição de centenas de veículos blindados pela Força até 2040.

Bolsonaristas barraram R\$ 30 bi das Bets que iriam para as polícias e o combate ao crime

Em recente votação do projeto antifacção do governo Lula, desta vez de volta à Câmara, após ele ter sido aperfeiçoado no Senado, os bolsonaristas, de novo com Guilherme Derrite, voltaram a agir em prol dos criminosos. Já tinham tentado enfraquecer a Polícia Federal, agora eles impediram a elevação da taxa das Bets e que os recursos fossem designados para a Segurança Pública.

Os senadores haviam derrubado as medidas mais escandalosamente pró-crime que Derrite havia introduzido no projeto do governo federal. No entanto, quando o projeto voltou do Senado para a Câmara, novamente Derrite trabalhou em prol dos criminosos. Ele impediu que as chamadas “Bets” fossem taxadas e os recursos fossem destinados para a Segurança Pública. Ou seja, a ação dos bolsonaristas na Câmara cortou cerca de R\$ 30 bilhões que iriam para as polícias e para o combate ao crime.

Isso desmascara a demagogia que o bolsonarismo faz sobre o combate ao crime no Brasil. As ligações da família Bolsonaro com o crime e as milícias no Rio de Janeiro já são bastante conhecidas e antigas.

O acobertamento de crimes por parte da família Bolsonaro já tem muito tempo. Desde as homenagens de Flávio Bolsonaro ao assassino profissional, Adriano da Nóbrega, e a contratação de seus familiares em seu gabinete, passando pelos elogios de Bolsonaro às milícias, até a justificativa e os aplausos dos dois (Flávio e Jair) aos assassinos da juíza Patrícia Acioli, até a rachadinha com os funcionários fantasmas, o desvio de verbas públicas e a lavagem do dinheiro roubado numa loja de chocolates na Barra da Tijuca.

A promiscuidade do bolsonarismo com os criminosos, as milícias e as facções é tão evidente que eles fizeram de tudo para deturpar a lei antifacção apresentada pelo governo Lula no

ano passado. Tentaram enfraquecer a Polícia Federal. Defenderam que a PF só poderia atuar nos estados com autorização dos governadores, muitos deles eram exatamente o foco das investigações da própria PF.

Assim que assumiu o Planalto, em 2019, Jair Bolsonaro, saiu em campo para manter a impunidade do Flávio e boquear o processo que investigava as rachadinhas, conduzido pelo Ministério Público do Rio. Ele não sossegou enquanto não trocou o comando da PF do Rio de Janeiro. Ele mesmo disse isso numa reunião ministerial, que foi tornada pública pela Justiça, que “Eu não vou ficar parado enquanto estão fu*** a minha família”.

Depois ele usou ilegalmente a Abin (Agência Brasileira de Inteligência) para pressionar os integrantes da Receita Federal que descobriam as falcaturas de Flávio na rachadinha de seu gabinete na Assembleia Legislativa do Rio e a lavagem de dinheiro na loja de chocolate.

Itamaraty revogou o visto de Darren Beattie, assessor fascista de Donald Trump. Órgão viu ingerência indevida em assuntos internos

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil revogou a concessão de visto de Darren Beattie, assessor fascista de Donald Trump, que pretendia visitar Jair Bolsonaro na cadeia.

Beattie é um quadro da extrema-direita americana e é um crítico sistemático do governo do presidente Lula e da atuação do ministro Alexandre de Moraes. No governo americano, ele atua na formulação e acompanhamento de políticas de Washington em relação a Brasília.

Fontes da diplomacia afirmam que o governo brasileiro está usando o princípio de reciprocidade, adotado internacionalmente, inclusive pelos americanos, de revogação de vistos.

Mais cedo, o presidente Lula afirmou que Beattie só entrará no país quando o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, puder viajar aos Estados Unidos. “Aquele cara americano que disse que vinha pra cá, pra visitar o Jair Bolsonaro, ele foi proibido de visitar e eu o proibi de vir ao Brasil, enquanto não liberar os vistos do ministro da Saúde, que está bloqueado”, afirmou.

Em agosto do ano passado,

os Estados Unidos cancelaram o visto da mulher e da filha, de 10 anos, de Alexandre de Padilha. O visto do ministro não foi revogado porque já estava vencido.

Na terça-feira (10), a defesa do golpista condenado Jair Bolsonaro enviou um pedido a Alexandre de Moraes, relator do caso no Supremo, pedindo que a visita fosse concedida de forma excepcional na segunda (16) ou na terça-feira (17), por motivos de agenda do norte-americano. Moraes permitiu a visita, no entanto, autorizou que ela fosse realizada na data permitida pela Papudinha, ou seja, quarta-feira (18).

Moraes, então, solicitou informações ao Itamaraty sobre a agenda diplomática do secretário de Trump no Brasil. O Itamaraty afirmou que a reunião do assessor de Trump com Jair Bolsonaro “pode configurar indevida ingerência nos assuntos internos do Estado brasileiro”.

Diante disso, Moraes retirou a autorização para o encontro entre os dois fascistas. Bolsonaro está preso em Brasília, onde cumpre pena de 27 anos e três meses de prisão por tentativa de golpe de Estado.

Caiado quer entregar minerais críticos de Goiás para Trump

Há uma disputa acirrada entre os bolsonaristas e demais entreguistas para ver quem é mais capacho de Trump. O governador de Goiás, Ronaldo Caiado (PSD), saiu na frente e quer entregar os minerais críticos do estado para o governo norte-americano.

Caiado pretende assinar na quarta-feira (18) um memorando de exclusividade de exploração desses minerais com o governo de Donald Trump, sob o disfarce de “cooperação em minerais críticos e terras raras”. O governo americano já tornou público seu interesse em explorar — com exclusividade — os minerais críticos do Brasil e de outros países da América Latina.

O “acordo” de entrega dessas riquezas entre Caiado e o governo dos EUA será assinado no Consulado-Geral dos Estados Unidos em São Paulo, antes de um evento promovido pela Câmara Americana de Comércio para o Brasil (Amcham), que reunirá executivos do setor. O conselheiro de Donald Trump, Darren Beattie, participaria do encontro, mas teve sua entrada barrada no Brasil. A decisão foi uma resposta ao cancelamento do visto do ministro da Saúde, Alexandre Padilha.

No início de fevereiro, Caiado esteve em Washington para um encontro no qual os EUA anunciaram alianças com países da União Europeia, além de Japão e México, com o objetivo de tentar desbancar a China do processo de formação das cadeias globais de suprimento de minerais críticos. Hoje a China domina mais de 60 da exploração desses materiais e mais de 90% de seu processamento em todo o mundo.

Goiás abriga a Serra Verde, uma mineradora de terras raras de propriedade norte-americana, atualmente em operação no país. A iniciativa de obter exclusividade na exploração dos minerais críticos no Brasil e em outros países está dentro dos planos dos EUA de tentar criar obstáculos à presença econômica da China na América Latina. A China é hoje o principal parceiro comercial da maioria dos países da região.

Foi com a meta de “barrar” a China que Donald Trump criou, recentemente, um grupo chamado “Escudo das Américas”, composto pelos governantes mais serviais do continente, entre eles Javier Milei, da Argentina. No texto divulgado pelo grupo fica explicitado o objetivo dos EUA de “impedir a atuação de potências estrangeiras no continente americano”.

O plano se insere nas metas da nova Estratégia de Segurança Nacional dos EUA, lançada em dezembro passado, e que visa recuperar o domínio dos EUA sobre a América Latina.

Um dia após a visita de Ronaldo Caiado a Washington, a mineradora Serra Verde informou que o DFC, banco estatal dos Estados Unidos voltado a investimentos internacionais, ampliou para US\$ 565 milhões o financiamento destinado à empresa. O acordo incluiu a possibilidade de o governo norte-americano adquirir uma participação acionária na mineradora. Ou seja, é o governo americano direto que está interessado em dominar a exploração dos minerais críticos no Brasil.

Além da Serra Verde, Goiás também abriga um projeto da mineradora Aclara, que planeja explorar terras raras no estado. A companhia também já recebeu um aporte inicial de US\$ 5 milhões do DFC, com previsão de que o valor possa ser convertido em participação acionária no futuro. A empresa também pretende construir uma refinaria nos Estados Unidos até 2028.

Especialistas ressaltam que a atuação de governos locais em acordos dessa natureza tem limites. Estados podem firmar cooperação com governos estrangeiros, mas não tratados internacionais formais. Acordos internacionais formais são de exclusividade da União. A concessão de direitos de pesquisa e exploração mineral é atribuição da Agência Nacional de Mineração, vinculada ao governo federal. Governos estaduais não podem privilegiar empresas estrangeiras, como parece ser o caso de Caiado.

José Cruz / Agência Brasil



Ronaldo Caiado (PSD), governador de Goiás, esteve nos EUA

Aumento na conta d'água rende lucro de R\$ 1,9 bi para a Sabesp

No acumulado de 2025, a Sabesp elevou seu lucro líquido ajustado em 22,1% na comparação com 2024, alcançando R\$ 6,3 bilhões

A Sabesp obteve lucro líquido ajustado de R\$ 1,9 bilhão no quarto trimestre de 2025, referente às suas operações regulares, sem considerar a venda de ativos, segundo a Folha de SP, via Estadão. O valor ficou praticamente igual ao do mesmo período de 2024 e evidencia que a privatização, ocorrida em 2023, a empresa continua garantindo lucros bilionários a seus acionistas e controladores.

O EBITDA ajustado – indicador que mede o resultado da operação da empresa, antes de juros, impostos e outros efeitos contábeis – somou R\$ 3,4 bilhões, com alta de 13% em relação ao mesmo período do ano anterior. O avanço foi impulsionado pela redução de cerca de 10% nos custos e pelo aumento de 3% no volume faturado, segundo a Sabesp.

A receita líquida ajustada da companhia cresceu 2,1%, alcançando R\$ 5,7 bilhões. O aumento se deve, segundo seu diretor financeiro, Daniel Szlak, a medidas adotadas após a privatização, como o fim de descontos concedidos a grandes clientes, entre eles hospitais, condomínios, hotéis e indústrias, além da ampliação da base de consumidores. Na prática, essas mudanças ajudam a impulsionar a arrecadação da companhia, inclusive por meio da revisão de benefícios antes aplicados a serviços essenciais.

No acumulado de 2025, a Sabesp elevou seu lucro líquido ajustado em 22,1% na comparação com 2024, alcançando R\$ 6,3 bilhões. De acordo com Szlak, o resultado foi impulsionado principalmente pela redução de 13% nos custos ao longo do ano, um corte que, na prática, ampliou a rentabilidade da empresa mesmo em um cenário de juros elevados.

O resultado operacional da Sabesp – que indica quanto a empresa gera com sua atividade principal – somou R\$ 13,2 bilhões em 12 meses, alta de 16,6% em relação ao ano anterior. Já a receita líquida ajustada cresceu 2,2% em 2025, chegando a R\$ 22,2 bilhões. De acordo a companhia, o avanço foi puxado pela entrada de novos consumidores, mas também ocorre em meio a mudanças que ampliam a arrecadação.

No entanto, esse discurso omite aspectos relevantes. O aumento da arrecadação também está ligado a reajustes tarifários. Em janeiro, a Sabesp elevou a tarifa de água e esgoto em 6,11%, índice acima da inflação acumulada no período, contrariando promessa do governador Tarcísio de Freitas. Em entrevistas à imprensa, ele afirmou que os valores dos serviços seriam reduzidos após a venda da empresa. A companhia também promoveu a revisão de benefícios, com impacto direto sobre os consumidores.

Rompimento de tubulação da privatizada Sabesp deixa USP sem água por três dias

Desde a última sexta-feira (13), parte do campus da Universidade de São Paulo (USP), na Cidade Universitária, ficou ao menos três dias sem abastecimento de água após o rompimento de uma tubulação da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), privatizada pelo governo Tarcísio de Freitas.

O desabastecimento afetou diferentes áreas da universidade, incluindo institutos de ensino, um dos restaurantes universitários e o Conjunto Residencial da USP (Crusp), onde vivem estudantes de graduação e pós-graduação.

Moradores da residência estudantil afirmam, no entanto, que a falta de água começou ainda na quinta-feira (12). De acordo com a Associação de Moradores do Crusp (Amorcrusp), cerca de 1.500 estudantes foram impactados pela interrupção do serviço.

Diante da situação, um caminhão-pipa só foi disponibilizado no domingo (15), após dias de reclamações dos moradores. A escassez também afetou o funcionamento de algumas unidades acadêmicas.

Na Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA), por exemplo, as aulas do período

LÓGICA PRIVATISTA

Ao mesmo tempo, os cortes de custos incluem demissões e a ampliação da terceirização, medida que, além de afetar a qualidade dos serviços, agrava os riscos à segurança dos trabalhadores. Um exemplo recente ocorreu em Mairiporã, na Grande São Paulo, onde o rompimento de uma caixa d'água provocou uma enxurrada durante uma obra. O acidente resultou na morte do trabalhador terceirizado Francisco Vieira, de 44 anos, arrastado pela água. Outras sete pessoas ficaram feridas e casas foram destruídas.

“O que se observa é uma lógica cada vez mais presente após a privatização: reduzir custos à custa da segurança e da dignidade de quem trabalha. Na prática, o que aparece é a exploração de mão de obra barata, muitas vezes terceirizada, sem as garantias necessárias para exercer suas funções com segurança”, denuncia o Sintaema. “O sindicato seguirá acompanhando o caso de perto e continuará denunciando a postura de descaso da gestão da Sabesp – tanto com seus trabalhadores diretos quanto com aqueles que prestam serviço à empresa por meio de contratos terceirizados”, assegura a entidade.

Enquanto isso, há relatos de demora na execução de serviços básicos, como novas ligações, o que coloca em dúvida o discurso de maior eficiência. Somam-se a isso os impactos ambientais após a privatização, com vazamentos e despejo de esgoto não tratado em rios e praias, episódios que têm levado a empresa a sucessivas autuações por órgãos de fiscalização. De acordo com levantamento do Metrôpoles, obtido por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI), a Sabesp foi multada 57 vezes pela Cetesb entre janeiro de 2024 e julho de 2025.

No período, as autuações ultrapassam R\$ 11,4 milhões. Mas, a companhia quitou apenas 1,9% desse total; outros 10,2% ainda não foram pagos, enquanto a maior parte – 87,2% – permanece em disputa, com recursos administrativos apresentados pela Sabesp na tentativa de anular ou reduzir as multas.

Na prática, o avanço financeiro da empresa ocorre em paralelo ao aumento das tarifas, à intensificação dos cortes de custos e à ampliação de riscos operacionais, com impactos diretos sobre trabalhadores, consumidores e o meio ambiente. O conjunto dos dados aponta que a busca por maior rentabilidade vem sendo acompanhada por pressões sobre a qualidade do serviço e pela transferência de custos à população, evidenciando os efeitos nocivos da privatização sobre um serviço essencial.

da manhã desta segunda-feira (16) foram canceladas devido à impossibilidade de utilização adequada das instalações.

Segundo a Prefeitura do Campus da Capital (PUSP-C), a tubulação danificada é responsável por abastecer o eixo da Avenida da Universidade e da Avenida Professor Luciano Gualberto, duas das principais vias internas da universidade.

Em nota, a prefeitura do campus informou que não possui autonomia para realizar o reparo da rede e que a solução depende da atuação da Sabesp, responsável pelo sistema de abastecimento. Até a normalização completa do serviço, a universidade segue monitorando a situação e adotando medidas emergenciais para reduzir os impactos na rotina acadêmica.

A Sabesp informou em nota que o abastecimento foi normalizado às 9h20 desta segunda-feira. Ainda segundo a companhia, a oscilação ocorreu por conta da manutenção de um equipamento de controle de pressão da água na região e o reparo de dois vazamentos no final de semana. “A Companhia pede desculpas pelos transtornos causados e está à disposição”.



Demissões e aumento da tarifa garantiram o lucro da empresa privatizada



Tenente coronel Geraldo Neto foi preso na manhã desta quarta-feira

Tenente-coronel é preso em SP suspeito de matar esposa e tentar forjar suicídio

Na manhã desta quarta-feira (18), a Polícia Civil e a Polícia Militar prenderam o tenente-coronel da Polícia Militar Geraldo Leite Rosa Neto, que foi indiciado por feminicídio e fraude processual pela morte da esposa, a policial militar Gisele Alves Santana, que foi encontrada morta com um tiro na cabeça, no mês passado.

Por volta das 8h12, um comboio com agentes da Polícia Civil e agentes da corregedoria da PM chegou ao apartamento do indiciado em São José dos Campos, no interior de São Paulo, para fazer a prisão.

A Polícia Civil confirmou a prisão, informou que o oficial estava em sua residência e que foi conduzido ao 8º DP, na capital, onde deverá ser interrogado e formalmente indiciado.

Após esses procedimentos, o tenente-coronel deve passar por exames de corpo de delito e

então será levado para o Presídio Militar Romão Gomes, na capital. A expectativa da polícia é que o Inquérito Policial Militar (IPM) seja concluído nos próximos dias.

Na última terça-feira (17), foi solicitada à Justiça a decretação da prisão do policial, com aval do Ministério Público de São Paulo. A Corregedoria da PM também pediu a prisão. O pedido foi acolhido pela Justiça Militar.

A decisão das autoridades aconteceu após a Polícia Técnico-Científica anexar ao processo laudos relacionados ao caso. Indícios que constam em dois laudos foram determinantes para o delegado pedir a prisão: Trajetória da bala que atingiu a cabeça e; Profundidade dos ferimentos encontrados.

Com isso, o delegado concluiu que ela não se suicidou. Os documentos confirmaram que Gisele não estava grávida e também não foi dopada, mas

que havia mais manchas de sangue da soldado espalhadas por outros cômodos do apartamento onde ela morreu.

Apesar da conclusão do laudo toxicológico, que não indicou o consumo de drogas ou bebidas por Gisele, e da liberação de outros exames, que somam cerca de 70 páginas, a delegacia aguarda ainda mais resultados complementares do Instituto Médico Legal (IML) e do Instituto de Criminalística (IC) para concluir o inquérito. Eles devem esclarecer a dinâmica do disparo ocorrido há um mês.

O caso ocorreu na manhã do dia 18 de fevereiro. O corpo da vítima foi exumado, e o laudo necroscópico apontou que havia lesões no rosto e no pescoço da mulher.

O caso foi inicialmente registrado como suicídio, mas passou a ser investigado como possível feminicídio após decisão judicial.



Vereador Guilherme Bianco (PCdoB)

Fim da escala 6x1: reduzir a jornada sem cortar salário é urgente para o Brasil

GUILHERME BIANCO*

O fim da escala 6x1 é fundamental para garantir dignidade ao trabalhador brasileiro. Após a vitória obtida com a isenção do Imposto de Renda e, consequentemente, alívio no bolso da população, estamos diante de um novo debate que pode trazer melhores condições de vida e trabalho: a redução da jornada, sem a redução de salário.

Batizado como “Dossiê 6x1”, levantamento realizado pelo Cesit (Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho), do IE (Instituto de Economia) da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), apontou que a redução da jornada de trabalho de 44 para 36 horas semanais resultaria na criação de até 4,5 milhões de empregos.

O documento — que integra um diagnóstico feito por especialistas para medir os impactos da medida na economia e no país — concluiu que o Brasil está “preparado para trabalhar menos” e, ao contrário das projeções do mercado, elevaria em aproximadamente 4% os níveis de produtividade.

Esse debate separa os políticos que estão ao lado do povo e os que são inimigos dele. Basta ver como se movimentam cada um dos atores: enquanto as forças vivas e progressistas da nação querem o fim da escala 6x1, as “almas penadas” da direita — aquelas figuras que agem nas sombras — buscam livrar Bolsonaro de seus crimes.

Mas se engana quem pensa que essa contradição é nova. Em 1888, a elite brasileira tentou barrar o fim da escravidão; depois, em 1940, queriam impedir que houvesse salário mínimo; anos mais tarde, em 1962, foram contra a criação do 13º salário; em 1986, eram contra o seguro-desemprego. Em todas as oportunidades, o discurso era o mesmo de agora: dar mais esse direito acabaria com a economia.

No Brasil — em especial a partir de 2010 — passamos por momentos difíceis, com ataques significativos aos direitos trabalhistas: a reforma trabalhista, a da Previdência e, consequentemente, a precarização das relações de trabalho, o enfraquecimento da Justiça e do amparo legal ao trabalhador, a pejotização e escalas abusivas que resultaram em menos tempo para se dedicar à família e ao lazer.

Não à toa, dados do Ministério da Previdência Social sobre afastamentos do trabalho apontaram que quase meio milhão de pessoas foram atendidas por questões de saúde mental por reflexo do mercado de trabalho. O dado representa um aumento de quase 70% em uma série histórica de dez anos. Mais de 160 mil desses afastamentos foram por ansiedade, 126 mil por depressão e 52 mil por depressão recorrente.

A redução da jornada, sem redução de salário, não caracteriza o brasileiro como “preguiçoso”, mas devolve a ele a dignidade tomada com as sucessivas reformas ou minirreformas que atentaram contra seus direitos. É promover justiça social, oferecer “vacina” para o adoecimento pelo trabalho e criar oportunidade de desenvolvimento.

É hora de decisão. É preciso ocupar as redes e as ruas em defesa dos trabalhadores e do Brasil. A escala 6x1 é desumana e pode ser diferente. Basta união da população para virar esse jogo e garantir mais direitos. Junte-se a essa luta!

***Guilherme Bianco é vereador na cidade de Araraquara pelo PCdoB. Ativista em defesa da Educação e dos Direitos Humanos, foi coordenador do Cursinho Popular CÚCA, vice-presidente da União Estadual dos Estudantes de São Paulo (UEE-SP) e diretor da União Nacional dos Estudantes (UNE), além de militante da Juventude Pátria Livre.**

Lula e Alckmin parabenizam “O Agente Secreto” pela campanha internacional com mais de 70 prêmios

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o vice-presidente Geraldo Alckmin usaram as redes sociais nesta segunda-feira (16) para parabenizar a equipe do filme brasileiro “O Agente Secreto” após o destaque da produção na cerimônia do Oscar 2026. Mesmo sem conquistar estatuetas, a obra dirigida por Kleber Mendonça Filho, indicada em quatro categorias, foi celebrada pelos dois como símbolo da força e do talento do cinema nacional.

Em publicação nas redes sociais nesta segunda-feira (16), Lula destacou o orgulho nacional diante do reconhecimento internacional alcançado por produções brasileiras na principal premiação do cinema mundial. Segundo o presidente, milhões de brasileiros acompanharam com entusiasmo a participação do país no evento, que contou com cinco indicações.

Ao comentar o clima de celebração em torno do cinema nacional, Lula mencionou a personagem Tânia Maria e afirmou: “Hoje, com certeza ela pensa o mesmo que milhões de brasileiros que estão orgulhosos de ver, mais uma vez, nossos artistas na cerimônia do Oscar”.

Na mesma mensagem, Lula parabenizou integrantes da equipe do filme, incluindo o ator Wagner Moura, o jovem ator Gabriel Domingues e outros profissionais envolvidos na produção.

O presidente também citou o diretor de fotografia Adolpho Veloso, responsável pelo trabalho no longa “Sonhos de Trem” e que também foi indicado ao Oscar. Lula escreveu: “Temos muito orgulho de todos vocês e do nosso cinema!”, em cumprimento que também incluiu a primeira-dama Rosângela Lula da Silva.

O vice-presidente Geraldo Alckmin também comentou o desempenho das produções nacionais na premiação realizada no domingo (15), em Los Angeles. Em suas redes sociais, ele afirmou que o Brasil teve uma participação expressiva na cerimônia.



71% da população apoia redução da jornada e fim da escala 6×1

A redução da jornada de trabalho, com o fim da escala 6×1, tem o apoio da grande maioria dos trabalhadores brasileiros. Pesquisa Datafolha divulgada neste fim de semana mostra que 71% apoiam a proposta, que tramita na Câmara dos Deputados e é defendida pelo governo do presidente Lula.

Em relação à pesquisa anterior sobre o tema, feita em 2024, houve um crescimento de 7 pontos percentuais. Em 2024, 64% dos brasileiros apoiavam a proposta. A pesquisa mostra que, 27% acham que não deveria haver redução de jornada, e 3% não opinaram.

De acordo com os dados, o apoio à redução é menor justamente entre os que trabalham mais, isso porque muitos dos que cumprem jornadas maiores são empresários e autônomos, significando que trabalhar mais gera maior renda.

O Datafolha ouviu 2.004 pessoas de 16 anos ou mais em 137 municípios do Brasil. A pesquisa foi feita entre os dias 3 e 5 de março.

Em relação aos impactos na economia com a redução da jornada, o resultado foi meio a meio, com 39% concordando que os efeitos serão positivos e 39% que serão negativos. Já sobre a mudança na qualidade dos trabalhadores, 76% acreditam que a redução da jornada vai representar melhora.

Os dados da pesquisa mostram que a aceitação é maior entre jovens – a aprovação entre quem tem de 16 e 24 anos chega a 83% dos entrevistados – e que as mulheres são as maiores defensoras da medida. Entre as mulheres, 77% apoiam a proposta para 64% entre os homens.

Delegação brasileira participa de ato internacional de mulheres contra ingerência dos EUA na Venezuela

Representantes de coletivos e de partidos políticos da América Latina e Europa estiveram em Caracas (Venezuela), entre os dias 6 e 8 de março, no 1º Encontro das Brigadas Internacionais das Mulheres ‘Cília Flores pela Paz’, promovido pelo Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV).

O encontro, que celebrou o Dia Internacional das Mulheres, foi um contundente ato de resistência ao imperialismo e reafirmação da soberania venezuelana, exigindo “o regresso imediato e seguro da primeira-dama Cília Flores e do presidente Nicolás Maduro”, sequestrados pelos EUA e que encontram-se presos naquele país.

“O grande encontro das Brigadas Internacionais de Mulheres Cília Flores pela Paz se consolida como um espaço onde a sororidade transpassa as fronteiras para se converter em um ato de resistência ao imperialismo. As delegações internacionais reafirmam que não há feminismo real sem soberania e, unidas em uma só voz, exigem o regresso imediato e seguro da primeira-dama Cília Flores e do presidente Nicolás Maduro ao solo venezuelano”, afirmou Diva Guzman Leon, deputada venezuelana da Assembleia Nacional e dirigente de Mulheres do Partido Socialista Unido de Venezuela (PSUV).

Guzman Leon destacou que durante o encontro, “teceram-se redes de solidariedade concreta para defender a paz e a autodeterminação dos povos de nossa América”, combatendo as ambições imperialistas para se “construir um caminho sólido até a emancipação definitiva”. “Defender a soberania nacional é, por essência, um ato feminista”, declarou.

Entre as delegadas brasileiras, Conceição Cassano, representante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e da direção da Federação de Mulheres Fluminenses, afirmou que o encontro foi “uma vigorosa demonstração para as mulheres do mundo todo da importância de se unir e lutar, com todas as forças, contra a tentativa de calar os povos”.

De acordo com Conceição, “mais de duas dezenas delegadas, de 22 países da América Latina e Europa, manifestaram solidariedade às mulheres e ao povo venezuelano diante das agressões do imperialismo norte-americano e o sequestro do presidente Nicolás Maduro e sua esposa e deputada Cília

Flores”. “E prestamos nossa total solidariedade à heroica ilha de Cuba, exigindo o fim do embargo genocida”, acrescentou.

Cassano contou que uma das experiências mais impactantes do encontro, que teve diversas atividades em sua programação, foi “a visita às Comunas Populares, onde as mulheres têm um papel protagonista, ouvir seus depoimentos carregados de vigor revolucionário, de sentimento de Pátria, sempre referenciadas no comandante Hugo Chaves”.

Ela conta sobre outras atividades marcantes da viagem, como a visita à Comunidade La Soublette, no estado de la Guaira, “uma das áreas atingidas pelos drones agressores em 3 de janeiro, onde fomos recebidas pelo governador José Alejandro Teran, que nos falou das ameaças e agressões imperialistas na Venezuela e no mundo”; e a oportunidade de assistir de perto a Consulta Popular, “uma vigorosa demonstração de democracia popular, aprovando 35 mil projetos de interesse das Comunas”. Segundo Conceição, este 1º Encontro “foi um estímulo à luta das mulheres de todo o mundo”.

“Agradecemos à Venezuela por cumprir esse papel. Não nos renderemos à barbárie! Mais uma vez tentam calar os povos e dominar as nações livres e soberanas. Mais uma vez serão derrotados! Pela liberdade de Cília e Maduro”, conclamou.

Representando a União Brasileira de Mulheres (UBM), Carla Quaresma destaca que “neste encontro reafirmamos que a luta é coletiva, assumindo também o compromisso proposto pela brigada de articular uma frente feminista anti-imperialista e denunciar como o império se impõe oprimindo sobretudo as mulheres, o povo e seus territórios”.

“É por isso, entre tantas coisas, que manifestamos nossa irmandade em defesa da autodeterminação dos povos. Levantamos nossas vozes, porque o feminismo busca um mundo de justiça social sem oprimidas ou opressoras”, afirma a UBM, ressaltando a importância de “aprofundar a luta anti-imperialista, antipatriarcal, antioligárquica, antifascista e antirracista” e libertar a “primeira combatente Cília Flores e o presidente constitucional Nicolás Maduro”.

Metalúrgicos aprovam acordo e Avibrás retoma produção em abril



Metalurgicos de São José dos Campos decidiram retomada em assembleia



STF confirma decisão final e barra direito de aposentados à “revisão da vida toda”

O plenário do STF (Supremo Tribunal Federal) consolidou o entendimento que rejeita a chamada “revisão da vida toda” das aposentadorias do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), e frustra as expectativas de milhões de segurados que aguardavam a possibilidade de recalcular seus benefícios previdenciários.

Por maioria, os ministros decidiram cancelar definitivamente a tese jurídica que permitia a revisão, e fixa que aposentados não podem escolher a regra de cálculo mais vantajosa para seus benefícios. O placar foi de 8 votos a 3.

A decisão marca o desfecho de um dos casos mais relevantes do direito previdenciário recente. Disputa que começou no STJ (Superior Tribunal de Justiça), chegou ao STF e mobilizou milhares de ações judiciais em todo o país.

A chamada revisão da vida toda permitia que aposentados incluíssem todas as contribuições feitas ao longo da carreira, inclusive àquelas anteriores a julho de 1994 – início do Plano Real – no cálculo do benefício previdenciário. Em muitos casos, isso resultaria em aumentos significativos no valor das aposentadorias, especialmente para segurados que tiveram salários mais altos no início da vida profissional.

Em 2022, o STF havia reconhecido o direito de os aposentados optarem pela regra mais vantajosa. No entanto, ao analisar ações que questionavam a constitucionalidade das regras previdenciárias de 1999, a Corte acabou revertendo o entendimento anterior.

Ao julgar ações sobre a Lei 9.876/99 – que instituiu o chamado fator previdenciário e criou regra de transição para o cálculo das aposentadorias – a maioria dos ministros concluiu que essa regra é obrigatória e não pode ser substituída pela regra definitiva do cálculo da média de contribuições. Na prática, isso impede o segurado de escolher o método que gere maior benefício.

A Corte também decidiu adequar a tese de repercussão geral que havia sido fixada em 2022, alinhando-a ao entendimento mais recente, contrário à revisão.

IMPACTO NACIONAL

O tema mobilizou centenas de milhares de processos judiciais em todo o país. Especialistas estimavam que a revisão poderia beneficiar parcela significativa de aposentados que contribuíram com salários elevados antes de 1994.

Com o novo entendimento do STF, todas as ações judiciais sobre o tema devem seguir a tese contrária à revisão, o que tende a levar

ao encerramento de grande parte das demandas.

Apesar da derrota dos segurados, o tribunal definiu salvaguardas importantes: valores já recebidos por decisões judiciais não precisam ser devolvidos; não haverá cobrança de honorários sucumbenciais dos aposentados que perderam as ações; e a regra vale para pagamentos realizados até 5 de abril de 2024, quando foi publicada a ata do julgamento que derrubou a tese.

A decisão não foi unânime. Parte dos ministros defendeu que a revisão deveria permanecer válida em determinadas situações.

Entre as divergências, argumentou-se que o julgamento que derrubou a tese analisou ações diferentes daquelas que haviam reconhecido o direito dos aposentados, o que, na visão minoritária, não impediria a aplicação da revisão em casos concretos. Mesmo assim, prevaleceu a posição de que a regra de transição estabelecida na reforma da previdência de 1999 deve ser aplicada obrigatoriamente.

Para milhões de aposentados que aguardavam possível aumento nos benefícios previdenciários, o veredito do Supremo marca o fim de longa batalha judicial. E o fechamento de uma das portas mais aguardadas da Previdência brasileira.

Após três anos paralisada, acordo marca a retomada da principal indústria bélica do país

Os trabalhadores da Avibrás aprovaram, em assembleia nesta quarta-feira (11), a proposta de acordo para o pagamento dos salários atrasados dos trabalhadores da empresa, colocando fim a uma das maiores greves pela garantia de salários e direitos. Após três anos de fábrica paralisada, o acordo, também fruto da resistência ao fechamento da empresa, marca a retomada da principal indústria bélica do país, com início previsto para abril.

“Esta é uma assembleia histórica para o Sindicato. Ao longo de quatro anos, o Sindicato organizou os trabalhadores para uma luta que também deveria ser do governo federal, mas em nenhum momento tivemos esse apoio. Foi um período muito difícil para os trabalhadores, que ficaram mais de 30 meses sem salário e sem o suporte do Estado. Cada um dos lutadores merece o reconhecimento pela força e resistência”, afirma o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, Weller Gonçalves.

De acordo com o Sindicato, a proposta aprovada de pagamento da dívida trabalhista soma R\$ 230 milhões. Os pagamentos serão parcelados de 12 a 48 vezes, de acordo com a faixa salarial de cada trabalhador. Ao todo, 1.400 pessoas têm valores a receber.

Para o processo de reativação, o acordo prevê o desligamento dos 850 trabalhadores que per-

manecem registrados na fábrica, a quitação das dívidas conforme o plano de parcelamento e a reconstrução, inicialmente, de 450 funcionários.

Na assembleia, o diretor do Sindicato, Sérgio Henrique Machado, foi eleito o representante dos trabalhadores no conselho de acompanhamento da reestruturação da empresa.

Outra vitória destacada pelo Sindicato foi a rejeição, pelo Tribunal de Justiça de São Paulo, em julgamento na terça-feira (10), do pedido de credores ligados ao mercado financeiro para a anulação do plano de recuperação judicial alternativo. Conforme a entidade, caso o pedido fosse aprovado, o plano de retomada da Avibrás ficaria comprometido.

“A rejeição judicial dos recursos e a aprovação da proposta de pagamento da dívida trabalhista foram avanços decisivos para que a empresa volte a operar”, diz a entidade. Agora, ressalta, a empresa deverá manter as negociações com o governo federal para venda de equipamentos ao Ministério da Defesa, “o que levaria fôlego financeiro para a Avibrás”.

Com o processo de recuperação judicial, o ex-proprietário João Brasil Carvalho Leite foi destituído em julho de 2025, pelo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, que homologou a transferência de 99% das ações para o Brasil Crédito Gestão Fundo de Investimento em Direitos Creditórios, credor da Avibrás.



Centrais sindicais e movimentos sociais exigem redução dos juros

Dirigentes das centrais sindicais, representantes de sindicatos, trabalhadores, entidades como UNE (União Nacional dos Estudantes) e CNAB (Congresso Nacional Afro-Brasileiro), lideranças políticas e dos movimentos sociais saíram às ruas para dizer um basta aos juros altos e à política econômica que trava o desenvolvimento do país, a geração de empregos e a valorização do trabalho.

No ato, em frente à sede do Banco Central na Avenida Paulista, em São Paulo, os manifestantes exigiram a redução imediata da taxa Selic, que será definida em reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) que ocorre hoje e amanhã (18).

“Juros altos penalizam trabalhadores e ampliam desigualdades. Quando o crédito encarece, o consumo cai e os mais pobres sentem primeiro”, afirmou René Vicente, presidente da CTB de São Paulo e vice-presidente da CTB.

Para o presidente da Força Sindical, CNTM e Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi das Cruzes, Miguel Torres, o país “precisa baixar os juros e gerar empregos dignos para trabalhadores”. “Juros elevados travam o desenvolvimento: quando o

crédito fica caro, empresas deixam de investir, a indústria perde força e menos empregos são criados”, alertou Torres.

Conforme salientou o vice-presidente da CTB, Ubiraci Dantas de Oliveira, “é urgente barrar os juros abusivos que drenam nossos recursos para o capital financeiro internacional, que não produz nada”.

O presidente estadual da Nova Central Sindical de Trabalhadores de São Paulo (NCST-SP), Luiz Gonçalves (Luizinho), classificou de “absurdo” a manutenção da taxa de juros nos atuais 15%.

“Sem financiamento acessível, empresas deixam de produzir, investir e gerar empregos”, disse.

“Nossa luta é reduzir essa taxa”, afirmou o diretor da UGT, Josimar Andrade. De acordo com ele, “nenhum país cresce mantendo uma das maiores taxas de juros do mundo”.

Geraldino Santos Silva, secretário de Relações Sindicais da Força Sindical, ressaltou a importância de “pressionar por mudanças na política econômica” para “garantir crescimento com distribuição de renda”. “Com mais investimento e consumo, a economia cresce e os trabalhadores conquistam oportunidades”, afirmou.





Embaixadora Ana Maria Sálomon Perez Governo espanhol retira sua embaixadora de Israel

Função da embaixada de Espanha é reduzida a escritório de negócios em protesto contra o massacre perpetrado pelo governo israelense em Gaza e a participação de Israel na agressão ao Irã, ferindo todas as leis de direito e normas de convivência internacionais.

O governo da Espanha anunciou, com base na proposta do Ministério das Relações Exteriores, o encerramento do mandato de Ana Maria Sálomon Perez como embaixadora da Espanha no Estado de Israel, em meio à escalada da ação militar da coalizão genocida israelense-norte-americana contra o Irã.

A decisão relativa a reduzir sua representação diplomática em Israel foi publicada no Diário Oficial do Estado, onde se especifica que a única representação espanhola em Tel Aviv – a partir desta terça-feira (10) – será a de um encarregado de negócios.

A Espanha tem sido um dos países mais críticos da agressão israelense na Faixa de Gaza, um conflito que já dura mais de dois anos e que o governo do presidente Pedro Sánchez tem repetidamente denunciado como genocídio e pedido a aplicação de sanções contra Tel Aviv.

Além disso, foi um dos primeiros países a reconhecer a Palestina como um Estado, em maio de 2024. Desde então, as relações com Israel têm sido muito tensas e marcadas por diversos confrontos diplomáticos.

ESPAÑA SE RECUSA

Já o conflito com os Estados Unidos se intensificou depois que a Espanha se recusou a permitir o uso de seu território para as operações militares contra o Irã iniciadas em 28 de fevereiro, reafirmando sua posição de distanciamento da estratégia militar de Washington e Tel Aviv. Decisão que provocou uma reação de Donald Trump, que declarou: “Vamos cortar todo o comércio com a Espanha. Não queremos mais nada com a Espanha.”

No início do mês, o presidente espanhol assegurou que “não seremos cúmplices de algo mau para o mundo por medo a represálias” que partam do governo dos Estados Unidos.

De forma clara, repudiou as críticas de Trump sobre a sua postura de não autorizar o uso das bases militares espanholas e citou lembranças sangrentas da guerra do Iraque, para a qual a Espanha foi “arrastada” por administração estadunidense anterior.

Naquela oportunidade, pautou, sob o argumento mentiroso de que visava eliminar as armas de destruição em massa, trazer a democracia e garantir a segurança global. “Produziu o efeito contrário, desencadeou a maior onda de insegurança que o nosso continente sofreu desde a queda do Muro de Berlim”, sublinhou.

“Três palavras: não à guerra”. Com essa consignação, Pedro Sánchez resumiu seu discurso da semana passada no Palácio de Moncloa, no qual analisou a intervenção militar dos EUA no Irã, alertando: “E assim que comecem os grandes desastres da humanidade... O mundo não pode resolver seus problemas com conflitos e bombas”.

“Espanha está com os princípios fundadores da União Europeia, está com a Carta das Nações Unidas, está com o Direito Internacional e está com a paz e a existência pacífica entre os países e a sua coexistência”, concluiu Pedro Sánchez.

No contexto das hostilidades dos Estados Unidos e Israel contra o Irã, lançadas em 28 de fevereiro, as operações das Forças Armadas de Israel (IDF) se alargaram para o território libanês e foram respondidas por forças da Resistência libanesa.

Segundo dados do Ministério, o número total de mortos no Líbano entre 2 e 13 de março alcançou 773 pessoas, com 1.933 feridos, incluindo 103 crianças mortas e 326 feridas. Do total de vítimas fatais, 18 eram paramédicos.

Além disso, mais de 800 mil pessoas foram forçadas a deixar suas casas em apenas dez dias desde que Israel avançou no Líbano, após o ataque contra o território iraniano que pôs fim à vida do então líder supremo, o aiatolá Ali Khamenei.

Por sua vez, o Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres, solicitou US\$ 325 milhões em ajuda humanitária para apoiar o Líbano na crise de deslocamento massivo causada pela guerra. “O objetivo é manter e expandir a assistência vital nos próximos três meses, incluindo alimentos, água potável, assistência médica, educação, proteção e outros serviços essenciais”, disse Guterres durante uma conferência no gabinete do Primeiro-Ministro libanês, na sexta-feira (13), que contou com a presença de representantes de agências da ONU e países doadores.

Já o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) alertou que o aumento dos ataques israelenses contra o Líbano está agravando o impacto sobre civis e as infraestruturas de vital importância no país. Agnès Dhur, chefe da delegação do CICV no Líbano, lamentou em um comunicado o aumento dos ataques no sul do país, no Vale do Bekaa e em Beirute, acrescentando que os criminosos “avisos” de evacuação emitidos pelo exército israelense estão afetando cada vez mais áreas do país e causando ondas significativas de deslocamento.

Javier Llaño/EFE

Elizabeth Franz/Reuters



De

Iranianos desafiam bombardeios e vão às ruas no Dia de Al Quds de solidariedade aos palestinos

Multidão solidária ao povo palestino toma as ruas de Teerã (Vídeo Al Jazeera)

Presidente Pezeshkian encabeçou a marcha em Teerã, que é realizada desde 1979. Bombas foram lançadas durante a marcha causando a morte de uma mulher, atingida por estilhaços em local próximo

Apesar dos bombardeios americano-israelenses que não param, iranianos foram às ruas na sexta-feira para comemorar, como fazem anualmente nesta data desde 1979, o Dia de Al Quds (Jerusalém), reafirmando sua solidariedade à causa palestina e a resistência aos EUA e a Israel.

A marcha em Teerã contou com a presença do presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, do ministro das Relações Exteriores Abbas Araghchi e do secretário do Conselho de Segurança Nacional, Ali Larijani, assassinado pouco depois pelos fascistas israelenses.

Uma mulher morreu



Multidão solidária ao povo palestino toma as ruas de Teerã

devido a um ataque a bomba que explodiu perto de uma praça próxima à Universidade de Teerã, onde multidões se reuniam em apoio ao governo iraniano e aos palestinos, com bandeiras iranianas e cartazes de Khamenei e seu filho Mojtaba, eleito novo líder supremo. Vídeo publicado pela agência Tasnim mostrou uma nuvem de fumaça cinza subindo enquanto manifestantes bradavam “Morte a Israel!” e “Morte à América!”

Em comunicado, o presidente Pezeshkian

agradeceu à “presença brilhante, consciente e unificadora” da população na marcha do Dia de Al Quds, o que descreveu como “uma manifestação plena de seu compromisso e responsabilidade para com os valores humanos, islâmicos, patrióticos e nacionais”.

Ele destacou a “presença corajosa” de milhões de pessoas nas ruas desafiando os bombardeios, o que reitera o “compromisso da nação iraniana com a independência e a resistência à opressão e à arrogância”.

“EUA e Israel cometem crimes de guerra ao atacarem 36 hospitais”, diz presidente do Conselho Médico do Irã

O presidente do Conselho Médico Nacional do Irã, Mohammad Raiszadeh, denunciou, em matéria publicada pela rede HispanTV nesta segunda-feira (16), que as agressões dos Estados Unidos e Israel atingiram o Sistema de Saúde iraniano, bombardeando 36 hospitais e centros de emergência.

“Repetidos ataques lançados pelo inimigo resultaram em danos a hospitais, centros médicos e departamentos de emergência e no martírio de 17 membros do Conselho Médico Nacional e trabalhadores de saúde”, disse Raiszadeh à mídia iraniana.

Em carta enviada para o secretário-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Raiszadeh ressaltou que ataques dos EUA e Israel contra centros médicos constituem crimes de guerra e pediu a punição dos responsáveis e pagamento de indenização pela devastação.

Conforme Raiszadeh, desde o começo das agressões iniciadas em 28 de fevereiro pelos estadunidenses e israelenses contra o Irã já foram destruídas 33 ambulâncias.

Até o momento, de acordo com Raiszadeh na carta enviada para a OMS, depósitos farmacêuticos com medicamentos para os enfermos e leite infantil, além de equipamentos hospitalares, se tornaram alvos dos agressores.



Hospital Gandhi, em Teerã, sob bombardeio

RESPOSTA A AGRESSORES

Em paralelo, na véspera um avião-tanque KC-135 foi derrubado pela resistência sobre o Iraque e outro só escapou por pouco. Seis tripulantes norte-americanos tiveram a morte confirmada pelo Pentágono, aumentando o total para 13 e uma centena de feridos.

Um misterioso incêndio irrompeu no porta-aviões Gerald Ford, mas com o Pentágono alegando que foi “na lavanderia” mas não teria afetado “o sistema de propulsão”. O porta-aviões Abraham Lincoln também foi posto para correr, quando se aproximou do Estreito de Ormuz.

BASES DOS EUA

Enquanto a agressão conjunta EUA-Israel contra o Irã completa duas semanas, a retaliação iraniana já destruiu em boa medida as bases americanas no Oriente Médio, em especial os principais radares, e as bases estão

inoperantes. Israel esteve por cinco horas sob uma saraivada de mísseis, drones e foguetes na noite passada, que deixou um rastro de fogo e destruição em Tel Aviv, Haifa e outras cidades.

A agressão também provocou uma desestabilização nos mercados de petróleo, com os preços do barril voltando a ultrapassar três dígitos, sob o decorrente bloqueio do Estreito de Ormuz, por onde passam 25% do petróleo comercializado no mundo, além de gás e fertilizantes, depois do fracasso da tentativa de decapitação do governo iraniano com o assassinato do líder supremo Khamenei.

A ponto de o G7, em conjunto com a Agência Internacional de Energia, ter anunciado, como tentativa de paliativo, a liberação de 400 milhões de barris de petróleo das reservas estratégicas – e com o preço da gasolina subindo nas bombas nos EUA a oito meses das eleições.

Chefe de contraterrorismo dos EUA renuncia e condena agressão ao Irã

O diretor do denominado Centro Nacional de Contraterrorismo, Joe Kent, renunciou ao seu cargo e condenou a agressão comandada por Trump contra o Irã

Joe Kent admite que a decisão de atacar o país do Oriente Médio não se sustenta, pois “o Irã não representa uma ameaça iminente para a nossa nação”.

O funcionário do governo norte-americano destaca, na sua carta de renúncia, que “está claro que iniciamos essa guerra por conta da pressão de Israel e de seu poderoso lobby nos EUA”.

A declaração de Kent é um duro golpe sobre Trump, uma vez que desmonta seus argumentos de “ameaça iminente”, usados inclusive para justificar sua declaração de guerra a outro país sem a obtenção de aval pelo Congresso norte-americano, como estabelecido nas leis dos EUA.

A denúncia expõe ainda de forma mais grave a estupidez de Trump uma vez que – como afirma Kent – foi tomada por “pressão de Israel” e para atender o lobby judaico norte-americano.

“GUERRA É ARAPUCA”

O ex-membro do governo na Casa Branca chama ainda a atenção de Trump de que as guerras no Oriente Médio são “arapucas que roubaram dos EUA vidas preciosas de nossos patriotas e minaram nossa riqueza e a prosperidade de nossa nação”.

A decisão de um alto funcionário da Casa Branca acontece em um momento de fragilização do governo Trump devido à determinada e firme resposta das forças iranianas, deixando claro que esta agressão ao povo iraniano vai custar caro ao agressor devido ao poder dissuasório desenvolvido pelo Irã, que previu corretamente o estado de guerra gestado pelos

EUA desde o momento em que impôs sanções para sabotar a economia iraniana, além de abrir campanha ideológica contra o governo estabelecido pela revolução que libertou o Irã da ditadura Pahlevi submissa aos interesses de Washington.

A fragilidade da posição adotada por Trump ficou mais evidente quando, diante do fechamento do Estreito de Ormuz, os governos europeus se recusaram a embarcar no conflito e se negam a atender seu pedido de escolta militar para forçar a passagem de navios contra e sem autorização governamental iraniana.

CARTA DE RENÚNCIA

Além disso, pesquisas de opinião mostram que menos da metade dos americanos apoiam a o ataque ao Irã. Trump enfrenta correligionários republicanos que agora o acusam de haver abandonado sua promessa de campanha de não se envolver em “guerras dos outros”. Na carta de renúncia, Kent também denuncia que “altos funcionários israelenses” e jornalistas influentes dos EUA disseminaram “desinformação” sobre uma questão tão grave como a declaração de guerra.

“Esse eco foi usado para enganá-los e fazê-los acreditar que o Irã representava uma ameaça iminente aos Estados Unidos foi uma mentira”, deixa claro Kent em sua carta.

A renúncia de Kent adquire mais contundência se considerarmos que ele é funcionário veterano da CIA que chega a afirmar “não pode apoiar o envio da próxima geração para lutar e morrer em uma guerra que não traz nenhum benefício ao povo americano nem justifica o custo de vidas americanas”.

Tropa de Israel atira contra carro de família na Cisjordânia e mata 4, duas crianças

Dando continuidade à chacina na Palestina ocupada, soldado do exército israelense abriram fogo contra um carro que transportava uma família no norte da Cisjordânia, chacinando Ali e Waad Bani Odeh, pai e mãe, e os filhos Mohammed (5 anos) e Othman (7 anos, cego e com necessidades especiais), alvejados com tiros na cabeça. Com estilhaços no corpo, sobreviveram Mustafa (8 anos) e Khaled (11 anos).

A família foi executada no final da noite de sábado, após sair para comprar roupas novas para o feriado de Eid al-Fitr, feriado após o mês do Ramadã.

Mustafa e Khaled contaram ao The New York Times que estavam a poucos minutos de casa quando encostaram o carro para a mãe tirar algo da mala. Foi nesse momento que foram rodeados pelos israelenses e ouviram a mãe e o pai dizer: “Deus é grande”. Logo depois vieram os tiros.

Examinados pelos socorristas assim que tiveram acesso ao local, as duas crianças sobreviventes foram atendidas e acusaram os invasores de atrasarem a chegada de ambulâncias, como é prática corriqueira nos praticantes do terrorismo de Estado.

Recentemente, o filme “A Voz de Hind Rajab” fez uma denúncia demolidora da degeneração de Trump e Netanyahu ao retratar um episódio em que um tanque israelense disparou 355 tiros contra o carro onde estava uma menina palestina de seis anos. O veículo em que se encontrava Hind Rajab e toda sua família ficou crivado de balas pelas tropas fascistas, sem que a apenas oito minutos dali os socorristas pudessem ter acesso a lhe prestar socorro.

O Ministério da Saúde da Palestina informou que todos

chegaram ao hospital com ferimentos de bala no rosto e na cabeça. O avô das crianças, pai de Khaled, informou ter visto os corpos dos familiares no hospital e que sua nora tinha disso alvejada vários vezes na cabeça e no peito, enquanto os tiros de Mohammed tinham sido concentrados no rosto.

Cinicamente, as forças armadas e a polícia de Israel disseram estar perseguindo suspeitos de “atividade terrorista” e que as mortes ainda estão sendo investigadas. Questionados sobre que “ameaça” representavam quatro crianças pequenas e os seus pais desarmados, o governo israelense se limitou a dizer que “as circunstâncias do incidente são analisadas pelas autoridades competentes”.

Desde que Israel e os Estados Unidos atacaram o Irã em 28 de fevereiro, as tropas sionistas têm restringido a circulação na Cisjordânia, fechando intermitentemente centenas de portões e postos de controle em estradas usadas por moradores, ambulâncias e veículos comerciais. As barreiras têm impedido a circulação, tornando o atendimento de emergência significativamente mais difícil, informou o Crescente Vermelho.

De acordo com o grupo israelense de direitos humanos Yesh Din, neste último período, além da ação das tropas, já foram documentados 109 incidentes de violência de colonos na Cisjordânia ocupada, em dezenas de comunidades palestinas.

Conforme o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários, entre 7 de Outubro de 2023 e 7 de Março de 2026, 1.062 palestinos – dos quais pelo menos 231 crianças – foram mortos na Cisjordânia, aos quais se somam os quatro membros da família Odeh.

Almodóvar e o poeta Serrat lideram em Madri marcha contra agressão ao Irã

Exigência do fim da agressão perpetrada pelo eixo EUA-Israel ao Irã mobilizou os espanhóis que realizaram marchas por 150 cidades, com a maior na capital, Madri. Milhares de cidadãos espanhóis se mobilizaram em mais de 150 cidades de todo o país, neste sábado (14), para exigir o fim imediato da agressão e da guerra no Irã e no Oriente Médio, bem como solidariedade com Gaza.

A plataforma <https://pararlaguerra.es/>, que conta com o apoio de mais de 200 associações na Espanha, convocou para este sábado (14) as manifestações em protesto contra os bombardeios realizados pelos Estados Unidos e por Israel sob o grito histórico de “Não à guerra”, o mesmo que uniu milhões de pessoas em 2004 contra a ocupação militar do Iraque.

As manifestações, que foram pacíficas, ressaltaram que nenhum ato de agressão justifica o assassinato de centenas de pessoas inocentes ou a violação do direito internacional. Os cidadãos exigiram a autodeterminação dos povos e rejeitaram a intervenção estrangeira na região, condenando também o extermínio de palestinos em Gaza.

Em Madri, milhares de pessoas se reuniram em frente ao Museu Reina Sofia, onde está localizada a obra Guernica, de Picasso, um símbolo global contra a guerra. Os manifestantes entoavam slogans como “Não à Otan”, “Não à guerra” e “Quem decide aqui? O povo iraniano”, reafirmando o direito à autodeterminação dos dois povos – iraniano e palestino – diante de intervenções estrangeiras.

Ante o temor de ataques em suas sedes diplomáticas, tanto Estados Unidos, quanto Israel, solicitaram reforçar a segurança em suas embaixadas e consulados.

FIM DO BOMBARDEIO AO IRÃ

Durante o evento, foi prestada homenagem às organizações de direitos humanos expulsas de Gaza e foi lido um manifesto que vincula a paz duradoura na região ao fim do genocídio contra o povo palestino.

O mundo cultural aderiu em massa ao dia de ação. Cineastas, escritores e jornalistas expressaram sua solidariedade às vítimas no Irã e em Gaza. Os organizadores enfatizaram a necessidade urgente de cessar os ataques, especialmente após o recente bombardeio americano à Ilha de Khark, um centro vital da indústria petrolífera iraniana.

Além das organizações pacifistas e a direção das duas principais centrais sindicais do país, Comisiones Obreras (CCOO) e a Unión General de Trabajadores (UGT), que têm liderado as mobilizações para denunciar o genocídio na Palestina, também aderiram à iniciativa diversas personalidades da cultura, do jornalismo e do esporte, como Pedro Almodóvar, Luis Tosar, Juan Echanove, Joan Manuel Serrat, Miguel Ríos, Miguel Poveda, Julio Medem, Jorge Valdano, Rosa María Calaf e Juan José Millás, entre outros.

A mobilização terminou com um apelo à união entre os democratas do mundo para trabalharem por uma paz justa que ponha fim à ofensiva genocida que ameaça a estabilidade de toda a humanidade hoje.

A ofensiva conjunta israelense-americana intensificou a crise no Oriente Médio , criando um cenário de violência que afeta principalmente a população civil. Irã reafirma que qualquer agressão contra seu território será respondida com força equivalente.

Os protestos que decidiram ativar a mobilização social se fortaleceram após a posição do presidente do governo espanhol, o socialista Pedro Sánchez, sobre os bombardeios contra o Irã e após sua decisão de não autorizar os EUA a utilizarem as duas bases militares em território espanhol, em Rota e Morón de la Frontera, na Andaluzia, caso a operação não fosse protegida pelo direito internacional. “Três palavras: não à guerra” foi a consigna do presidente.

Essa postura provocou a ira de Trump, que classificou a Espanha como uma “aliada terrível” e ameaçou com sanções econômicas e a suspensão do comércio.

A declaração, lida em todas as 150 praças, reiterou que “rejeitamos categoricamente os ataques perpetrados pelos EUA e por Israel contra o Irã, que constituem uma violação do direito internacional e da legalidade. Conclamamos todos os democratas a condenarem essa agressão, defenderem o direito internacional e trabalharem por uma paz justa e duradoura no Oriente Médio, que deve incluir o fim do genocídio em Gaza e o reconhecimento dos direitos do povo palestino em conformidade com o direito internacional”.

Fernando Villar/EFE



“Não à Guerra” ecoou nas ruas de Madri

HP

Guerra dos EUA ao Irã isola Trump e nenhum país quer ajudá-lo em Ormuz

Reuters



Só navios de países amigos poderão passar pelo estreito de Ormuz, adverte o Irã

“Criminosos terão de pagar pelo sangue vertido de Larijani”, afirma o líder Mojtaba Khamenei

Milhares participaram dos funerais de Larijani mesmo sob o risco dos bombardeios dos EUA e Israel

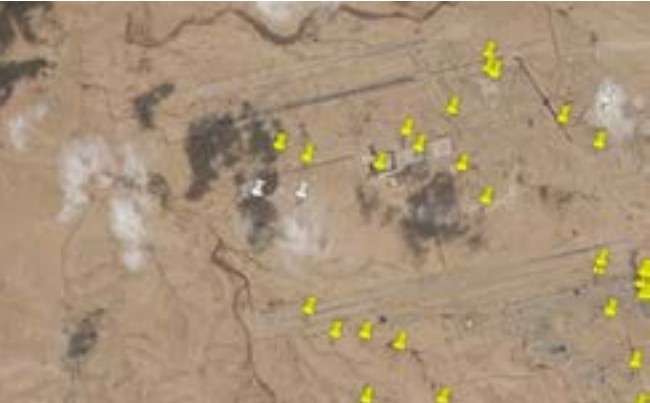
“Os criminosos responsáveis terão de pagar o preço em breve”, afirmou nesta quarta-feira (18) o recém-eleito líder supremo do Irã, Mojtaba Khamenei, em mensagem ao povo iraniano por ocasião do funeral do secretário do Conselho de Segurança Nacional, Ali Larijani, e de seus companheiros, assassinados por ataque terrorista americano-israelense na noite de segunda-feira para terça-feira.

Khamenei enfatizou que tais assassinatos só tornarão o establishment islâmico “mais forte”, ressaltando que “cada sangue derramado tem um preço, que os assassinos criminosos desses mártires logo terão que pagar.”

O líder supremo iraniano prestou homenagem a Larijani, dizendo que “ele era um indivíduo erudito, visionário, inteligente e comprometido, possuindo uma experiência diversificada em diversos campos político, militar, de segurança, cultural e gerencial”.

“Quase cinco décadas de serviço influente em diferentes camadas do establishment islâmico o tornaram uma figura distinta”, acrescentou. Seu assassinato “reflete tanto sua importância quanto a profunda hostilidade dos inimigos do Islã contra ele”.

Filósofo e hábil negociador, Larijani foi ministro da Cultura, presidente do parlamento iraniano por três mandatos, ex-candidato a presidente do país e exercia a função de secretário de Segurança Nacional do Irã desde o ano passado. Após o assassinato de Khamenei, ele e mais dois dirigentes do país



Base aérea de Nevatim atingida por mísseis iranianos (Middlebury Institute of International Studies at Monterey)

constituíram um conselho de transição para organizar a escolha do novo líder supremo e a defesa do Irã atacado pelos imperialistas e sionistas.

Em represália pelo assassinato de Larijani, a Guarda Revolucionária Islâmica do Irã (IRGC) atacou Tel Aviv, “o centro das perversidades do regime sionista selvagem”, na madrugada de quarta-feira (18), usando mísseis pesados equipados com ogivas múltiplas e de fragmentação, que semearam o caos e provocaram apagões, na 61ª fase da Operação Promessa Verdadeira 4.

Apesar da censura exercida pelos israelenses, sabe-se que uma estação de trem foi golpeada, assim como o aeroporto Ben Gurion, onde três aviões foram incinerados.

Foram disparados mísseis também contra a área central de Israel e contra Haifa. Segundo o IRGC, o ataque causou 230 mortos e feridos. A mídia israelense só admite “dois mortos” – um casal de idosos, e as baixas

israelenses totais teriam agora alcançado “14”.

“Nesta operação relâmpago e intensa, os mísseis Khorramshahr 4 e Qadr, apesar do sistema de defesa aérea multicamadas do regime sionista, que colapsou, atingiram com sucesso mais de 100 alvos militares”, afirmou o IRGC.

Na 61ª fase da Operação Promessa Verdadeira 4, foram disparados pelo Irã também os mísseis Emad e Kheibar Shekan.

Vídeos mostram o momento em que um míssil, que furou o Domo de Ferro, se “abre” em uma nuvem de explosivos sobre o céu de Tel Aviv. Há imagens de incêndios, pânico nos abrigos e equipes de resgate tentando fazer alguma coisa.

Nesta quarta-feira, uma multidão se despediu em Teerã de Larijani, seu filho, um assessor e seguranças, mortos no atentado terrorista americano-israelense.

Leia mais no site do HP

China socialista abre 15º Plano Quinquenal com crescimento industrial de 6,3% em dois meses

Já estão em vigor na China o 15º Plano Qüinqüenal (2026-2030) e a meta para este ano de crescimento real da economia de 4,5-5,0 %, com a conclusão das “Duas Sessões”, como são conhecidas as reuniões anuais do Congresso Nacional do Povo (NPC) e da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês (CCPPC), a expressão maior no terreno legislativo da democracia popular de processo integral chinesa e do sistema de planejamento de médio e longo prazo, que permitiram sob o comando do Partido Comunista da China elevar o país, um dos mais pobres do mundo depois do ‘século de humilhações’, até a condição de o maior em paridade por poder de compra, principal parceiro comercial da grande maioria das nações e executor da façanha de tirar 800 milhões da pobreza e urbanizar 68% da população em sete décadas, um feito sem precedentes na história da humanidade.

As “Duas Sessões” ocorreram de 4 de março até o dia 12. A sessão de encerramento ocorreu no Grande Salão do Povo, em Pequim, com a presença do presidente Xi Jinping e de outras autoridades, incluindo os membros do Comitê Executivo do Partido Comunista Chinês, Li Qiang, Wang Huning, Cai Qi, Ding Xuexiang, Li Xi e Han Zheng,

Sob o comando do presidente do NPC, Zhao Leji, e participação dos 2.762 deputados, a plenária culminou um processo de discussão abrangente desde as mais remotas bases, agregando propostas e contribuições de especialistas, esboçando os rumos da China nos próximos cinco anos nesses tempos de “mudanças não vistas em 100 anos”, como tem alertado o presidente Xi.

Com o 15º Plano Qüinqüenal a China avançar em seu processo de modernização, tendo como foco os novos motores do crescimento – inovação, alta tecnologia (Inteligência Artificial no processo produtivo, veículos de nova energia, semicondutores avançados, biotecnologia, big data, robótica) – bem como o desenvolvimento do mercado interno e intensificação da abertura visando apoiar a economia interna e o desenvolvimento do projeto de futuro compartilhado da humanidade com sustentabilidade.

O 15º Plano Qüinqüenal incorpora, pela primeira vez, o conceito de “nova qualidade das forças produtivas” formalizado pelo presidente Xi em 2023 como diretriz central para

descrever um modelo de crescimento ancorado em setores intensivos em inovação em contraposição ao modelo tradicional baseado em manufatura de baixo custo e exportações em volume. Também define 109 grandes projetos nacionais.

MODERNIZAÇÃO

Segundo Zhao, o período do 15º Plano Quinquenal será uma etapa decisiva para fortalecer as bases do desenvolvimento e avançar rumo ao objetivo de alcançar, até 2035, a modernização socialista em termos fundamentais, o que implica em “aumentar substancialmente o PIB per capita para que fique no mesmo nível de um país desenvolvido de nível médio” e focar no desenvolvimento do mercado interno e na melhoria da vida das pessoas.

Entre as deliberações, está a de que, até 2030, ¼ da energia gerada na China terá de vir de fontes não fósseis: a China já é recordista em patentes para apaciar a crise ambiental.

As metas para 2026 incluem a criação de mais de 12 milhões de novos empregos urbanos, uma taxa de desemprego urbano em torno de 5,5% e uma meta de inflação, medida pelo índice de preços ao consumidor (CPI), em torno de 2% ...

Leia mais no site do HP

“Essa guerra não se relaciona com a Otan”, esquivou-se Kornelius, seu porta-voz alemão; Itália, Espanha, Reino Unido, Alemanha, Japão, Austrália, Coreia do Sul, e até o francês Macron, também se colocaram de fora da guerra de Trump ao Irã

Do mundo inteiro, chegaram recusas à exigência do presidente Donald Trump do envio de navios de guerra em seu socorro no Estreito de Ormuz, para onde evoluiu sua agressão não provocada contra o Irã, o que tornou ainda mais grave a crise do petróleo e gás que passam pela hidrovía. Uma “recusa quase universal” entre os europeus, segundo o France 24.

Pelo Estreito, transitam 20% do petróleo, gás e fertilizantes comercializados no planeta e, sob a guerra de agressão de Trump/Netanyahu, o preço do barril já ultrapassa os três dígitos e a produção em vários campos de petróleo e gás parou. Também Japão, Austrália e Coreia do Sul arrumaram uma forma de anunciar que estavam fora. Como registrou a agência de notícias norte-americana Associated Press, “até agora ninguém se interessou pelo apelo de Trump por uma coalizão para garantir Ormuz”.

Com os caixões já chegando de volta aos EUA, três F-15, dois KC-135 derrubados e 80% dos radares – a maior perda em combate desde a “1ª Guerra do Golfo” - e a gasolina disparando nas bombas dos postos de gasolina domésticos a oito meses das eleições intermediárias, na sexta-feira, treze dias após o fracasso de sua tentativa de decapitação do governo iraniano, Trump promoveu um bombardeio à Ilha de Kharg no ponto mais estreito da hidrovía, agravando ao limite a situação em Ormuz e nos mercados de energia.

Assim, depois de inúmeras proclamações de “vitória” e de que o Irã estava “destruído”, Trump passou a exigir uma coalizão para ocupar o Estreito de Ormuz. Mas está difícil de encaixar.

“O que Trump espera de um punhado de fragatas europeias que a poderosa Marinha dos EUA não possa fazer? Esta não é a nossa guerra, nós não a começamos”, disse o ministro da Defesa alemão, Boris Pistorius, lembrando que sequer haviam sido consultados.

“O Estreito de Ormuz está aberto a todos, exceto a navios dos EUA e inimigos seus aliados”, afirmou o chanceler iraniano, Abbas Araghchi. Foram os EUA e Israel que iniciaram a guerra e o Irã está se defendendo, visando apenas bases e interesses norte-americanos na região, esclareceu. Não é culpa do Irã – acrescentou - que os donos das frotas petrolíferas temam por seus ativos, sob combate, e mandem ancorar nas imediações.

Ao ser questionado sobre a proposta de Trump de enviar uma armada para Ormuz, o ministro das Relações Exteriores alemão, Johann Wadepuhl afirmou que “Não. O Governo Federal tem uma posição muito clara a respeito disso [...], não vamos fazer parte desse conflito”. Ele acrescentou que a segurança, tanto para o Estreito de Ormuz quanto para o Mar Vermelho, só será alcançada “se houver uma solução negociada”. O ministro das Relações Exteriores da Itália, Antonio Tajani, disse considerar improvável que as operações europeias no Mar Vermelho “possam ser ampliadas para incluir o Estreito de Ormuz, especialmente porque se trata de missões de combate à pirataria e de defesa”.

De acordo com a AFP, o Japão se mostrou reticente. O ministro da Defesa do Japão, Shinjiro Koizumi, afirmou ao Parlamento que o país não considera ordenar uma missão desse tipo “na atual situação do Irã”.

A primeira-ministra, Sanae Takaichi, declarou não ter recebido um pedido

formal de Trump e ressaltou que o envio de forças ao exterior é politicamente sensível e juridicamente complexo em um país cuja Constituição renuncia à guerra.

“A questão é o que o Japão deve fazer por iniciativa própria e o que é possível dentro de nosso marco legal, em vez do que é solicitado pelos Estados Unidos”, disse ela ao parlamento. Ela irá à Casa Branca na próxima quinta-feira.

“Não temos a intenção de enviar navios de guerra para o Estreito de Hormuz”, afirmou a ministra de Infraestrutura e Transportes da Austrália, Catherine King. Ela disse que seu país está “bem preparado” para lidar com a crise econômica decorrente da situação no Oriente Médio.

Notório nas artes da encenação, o presidente francês Emmanuel Macron anunciou que, quando “as circunstâncias permitirem” poderá participar com parceiros na Europa e na Ásia em uma possível missão internacional de escolta de navios. Na semana passada, sua ministra da Defesa, Catherine Vautrin, dissera que “neste momento, o envio de navios para o Estreito de Ormuz não está sendo considerado”.

O ministro das Relações Exteriores da Espanha, José Manuel Albares, descartou novamente nesta segunda-feira a participação da Espanha na armada de Trump no Estreito de Ormuz.

“A solução para o aumento dos preços dos combustíveis passa pelo fim desta guerra, pela cessação desta guerra, e pela predominância da negociação e do diálogo. Acreditamos que a Operação Aspides [no Mar Vermelho] e o mandato atual são corretos e, portanto, não é necessário introduzir quaisquer alterações”, declarou Albares, opondo-se aos que tentam usá-la como fachada para adesão a Trump.

A alteração do mandato da Operação Aspides – a contenção dos revolucionários iemenitas no Mar Vermelho, tarefa na qual o USS Abraham Lincoln fracassou fragorosamente – principal manobra tentada pelos serviços de Trump no bloco europeu em relação a Ormuz não passou. Quanto à cobrança de Trump à Otan, a resposta veio também pelo porta-voz alemão Kornelius: a guerra EUA-Israel contra o Irã não está relacionada à Otan. Deixando de lado o que perpetraram no Afeganistão e outras localidades, ele disse que a Otan “é uma aliança para a defesa do território” de seus membros e, na situação atual, “não existe mandato para mobilizar a OTAN”.

Por sua vez o primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, asseverou que o Reino Unido “não se envolverá em um conflito maior”. O jornal The Times, citando fontes, noticiou que o governo britânico está considerando o envio de drones de desminagem para ajudar a limpar o estreito, mas considera que enviar agora navios de guerra para a área “poderia aumentar as tensões”.

Porta-voz da embaixada da China em Washington enfatizou que “como amigo sincero e parceiro estratégico dos países do Oriente Médio, a China continuará a fortalecer a comunicação com as partes relevantes, incluindo as partes em conflito, e a desempenhar um papel construtivo na desescalada e na restauração da paz”. Ele acrescentou que “todas as partes têm a responsabilidade de garantir um fornecimento de energia estável e ininterrupto”.

Nesta segunda-feira (16), o Ministério das Relações Exteriores da Rússia classificou o ataque dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã como “traíçoeiro” e “não provocado”, ressaltando que a agressão iniciou de um ciclo sem precedentes de violência” no Oriente Médio, cujo fim “não se vislumbra”.

Leia mais no site do HP

“A Voz de Hind Rajab”: denúncia demolidora da degeneração de Donald Trump e Netanyahu

O filme retrata um episódio em que um tanque israelense disparou aproximadamente 355 tiros contra o carro onde estava a menina de 6 anos, Hind Rajab. Ela e toda a família foram assassinadas pelas tropas fascistas de Israel

SÉRGIO CRUZ

Há alguns dias fiz uma matéria para o HP sobre a declaração do norte-americano Larry C. Johnson, ex-analista da Agência Central de Inteligência (CIA), de que Donald Trump e Benjamin Netanyahu são dois assassinos em série capazes de cometer qualquer crime contra a Humanidade e que eles precisam ser parados.

Não tinha assistido ainda o filme tunisiano, A Voz de Hind Rajab, dirigido por Kaouther Ben Hania, a história real de uma menina de seis anos encurralada junto com sua família em um carro sob o fogo dos fascistas israelenses em Gaza. Se tivesse visto antes, certamente concordaria ainda mais com Larry Johnson, mas acrescentaria uma enorme disposição de esganar o covardão e fascista Benjamin Netanyahu.

FOGO DE TANQUES

Hind Rajab estava na Cidade de Gaza, no norte da Faixa de Gaza, fugindo com sua tia, seu tio e três primos quando o carro em que estavam parece ter ficado cara a cara com tanques israelenses e foi atacado. Era uma segunda-feira, dia 29 de janeiro de 2024. Naquela manhã, o Exército israelense disse às pessoas para deixarem as áreas no oeste da cidade e seguirem para o sul, ao longo da estrada costeira.

A mãe de Hind, Wissam, lembra que houve bombardeios intensos na região. “Ficamos apavorados e queríamos fugir”, disse ela. “Estávamos fugindo de um lugar para outro, para evitar os ataques aéreos”. A família decidiu ir para o Hospital Ahli, na zona leste da cidade, na esperança de que fosse um local mais seguro para se abrigar.

O filme retrata parte dessa fuga desesperada e é uma denúncia arrebatadora do fascismo israelense. Ele fala da destruição criminosa e do massacre de Gaza pelo exército de Israel, narrado a partir de um diálogo dramático e emocionante com uma menininha de seis anos que está escondida dentro do carro do tio, alvejado por rajadas de metralhadora. De acordo com investigações forenses, um tanque israelense disparou aproximadamente 355 tiros contra o carro onde estava Hind Rajab.

Na primeira ligação feita para o Crescente Vermelho Palestino, a voz era a da prima de Hindi, Layan. Ela diz à equipe do Crescente Vermelho que os pais e irmãos foram mortos e que há um tanque ao lado do carro. “Eles estão atirando em nós”, diz ela, antes que a conversa terminasse com o som de tiros e gritos. Quando a equipe do Crescente Vermelho liga de volta, é Hind Rajab quem atende, com a voz quase inaudível, tomada pelo medo.

ÚNICA SOBREVIVENTE

Logo fica claro que ela é a única sobrevivente no carro e que ainda está na linha de fogo. Seus parentes estão todos mortos entre os des-



troços. “Esconda-se debaixo dos assentos”, orienta a equipe. “Não deixe ninguém ver você”, orientou a operadora Rana Faqih. A voz que se ouve no filme, desesperada, dentro do carro cercado pelos tanques israelenses, é original. É da própria Hind, pedindo socorro. “Os tanques estão aqui. Eles estão atirando em mim”, diz a menina, pedindo para ser resgatada.

A equipe de voluntários do Crescente Vermelho Palestino se desdobra para salvar Hind Rajab. Eles lutam desesperadamente para que uma ambulância seja autorizada a atravessar um corredor humanitário e ir buscá-la. Os covardes israelenses negam a autorização e seguem atirando no carro. Enquanto Rajab falava com o canal de emergência, a linha foi cortada várias vezes, em meio ao som de tiros. A voz de Hind do outro lado da linha era baixa e fraca. Era de uma criança de 6 anos, sussurrando em um celular apavorada. “O tanque está perto de mim. Está se movendo”, dizia.

No centro de atendimento de emergência do Crescente Vermelho Palestino, está Omar A. Alqam, interpretado por Motaz Malhees, e Rana Hassan Faqih, representada pela atriz Saja Kilani. Eles se desdobram para salvar Hind. Eles tentam manter a menina calma. “Está muito perto?”, indagou. “Muito, muito”, respondeu a voz. “Você vem me buscar? Estou com muito medo”, perguntou Hind.

A mãe de Hind, Wissam, é encontrada pelos integrantes do Crescente Vermelho e chega a falar pelo telefone com sua filha. Desesperada, ela pede que Hind seja salva. “Estou esperando Hind a qualquer momento, a qualquer segundo”, dizia a mãe, com sua voz também original.

ROTA “SEGURA”

Depois de muita insistência, o Crescente Vermelho consegue a autorização para enviar uma ambulância ao local. O “roteiro seguro” é autorizado. Uma equipe é enviada e chega muito perto do local onde Hind estava.

Mas, o fascismo israelense mostrou-se em toda a sua monstruosidade. Eles não deixaram que a ambulância chegasse onde Hind estava. Os tanques de Netanyahu abriram fogo contra a ambulância do Crescente Vermelho, destruindo-a e matando os dois socorristas que foram resgatar a menina.

Até o corpo da filha ser descoberto, a mãe de Hind ainda acreditava num milagre. Depois de ver os destroços do carro e receber o corpo da filha, ela exige que alguém seja responsabilizado. “Para cada pessoa que ouviu a minha voz e a voz suplicante da minha



filha, mas não a resgatou, vou interrogá-la diante de Deus no Dia do Juízo”, disse a mãe. “Netanyahu e todos aqueles que colaboraram contra nós, contra Gaza e seu povo, rezo contra eles do fundo do meu coração”, acrescentou.

No hospital onde esperava notícias da filha, Wissam ainda segurava a bolsinha rosa que guardava para a menina. Dentro dela, estava um

caderno onde Hind praticava sua caligrafia. “Quantas mais mães vocês estão esperando que sintam essa dor? Quantas crianças mais você quer que morram?”, desabafou. Doze dias depois, os corpos foram encontrados dentro do carro e da ambulância.

A obra-denúncia dos tunisianos foi indicada para o Oscar de melhor filme estrangeiro. Totalmente merecida.

O ator Brad Pitt encabeçou uma lista de nomes de peso em Hollywood que ajudaram a financiar sua produção.

OSCAR

O filme não foi premiado, mas certamente marcará profundamente a consciência da humanidade. A solenidade do Oscar, ocorrida no domingo (15), mostrou, com exceção do

No alto, Hind Rajab, de 6 anos. Ao lado, o carro da família, encontrado 12 dias depois, destruído. Abaixo, equipe do Crescente Vermelho tentando salvar Hind Rajab (Divulgação)

ator espanhol, Javier Bardem, que foi o único a protestar contra a guerra promovida pelas ditaduras Trump e Netanyahu, uma certa indiferença com as agressões criminosas de Israel e EUA aos palestinos e outros povos. O clima certamente não era para premiar um filme tão contundente como este.

O ator Motaz Malhees, que interpreta um dos integrantes do Crescente Vermelho, denunciou que foi proibido de comparecer à cerimônia. Malhees afirmou que a ditadura Trump proíbe a entrada de cidadãos palestinos nos Estados Unidos. “Nosso filme foi indicado ao prêmio da Academia. Tive a honra de interpretar um dos papéis principais em uma história que o mundo precisava ouvir. Mas eu não pude comparecer”, escreveu Malhees. “Não tenho permissão para entrar nos Estados Unidos por causa da minha cidadania palestina”.

NOSSA VOZ SERÁ OUVIDA

O ator continuou: “Dói. Mas aqui está a verdade: você pode bloquear um passaporte. Você não pode bloquear uma voz. Sou palestino e mantenho minha posição com orgulho e dignidade. Nossa história é maior do que qualquer barreira, e ela será ouvida”, afirmou.

O filme não levou o Oscar, mas, certamente, feriu de morte, na consciência do mundo, a covardia dos fascistas israelenses a norte-americanos. Eles, com sua degeneração, estão repetindo Hitler ao assassinar milhares de pessoas ao redor do planeta. Parabéns aos autores dessa grande obra. Um filme que ficará na história como uma das maiores denúncias já feitas contra o fascismo. Uma película que aponta claramente para o mundo o grau de podridão a que chegou o imperialismo em sua decadência neste início do século XXI. A Voz de Hind Rajabe, sem dúvida, fará parte do tesouro cultural da humanidade.